O IMPACTO SOCIOECONÓMICO DA COVID-19 NA ECONOMIA INFORMAL URBANA DE MOÇAMBIQUE

Resultados de um inquérito painel de operadores do sector informal em Maputo

Maputo, 12 de Novembro de 2021

AGRADECIMENTOS

O presente relatório reflecte mais de um ano de trabalho de implementação do Inquérito ao Sector Informal sobre COVID-19 (CISS), uma colaboração entre o escritório em Moçambique do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e o Ministério da Economia e Finanças, envolvendo muitos parceiros e pessoas. Em particular, as seguintes pessoas tiveram um papel destacado na sua realização.

UNDP Mozambique

Alex Warren-Rodríguez, Economista Sénior
Gustavo Novaes, Gestor de Pesquisa
Joana Sampainho, Analista de Programa - Análise Económica e Política
Nilifer Anaç, Analista de Políticas ODS
Raphael Esteves, Especialista Técnico da ODS
Marta Lindstrom, Especialista em Análise e Gestão de Dados
Vania Come, Associada do Programa

Ministério da Economia e Finanças

Enilde Sarmento, Director, Direcção Nacional de Política Económica e de Desenvolvimento (DNPED)
Maimuna Ibraimo, DNPED
José Cardoso, DNPED

ASSOTSI – AEIMO (Associação da Economia Informal de Moçambique)

Armindo Chembane, Secretário Executivo

IPSOS Mozambique

Jaime Fernandes, Director Nacional
Kathleen Angulo, Analista Sénior de Pesquisa
Rodolfo Albino, Assistente de Pesquisa
Maxwell Odhiambo, Director de Operações
Alberto Mesa, Coordenador de Campo
Arnaldo Bombe, Especialista de Dados
Nércia Magudo, Estagiário

UNU Wider – Inclusive Growth Programme

Eva-Maria Egger, Research Fellow
Sam Jones, Research Fellow
Ricardo Santos, Research Fellow

O inquérito de CISS não teria sido possível sem o envolvimento activo dos 600 trabalhadores informais filiados à ASSOTSI que participaram nas várias rondas dos inquéritos do CISS. Também não teria sido possível sem o encorajamento e apoio da Sra. Narjess Saidane e do Sr. Francisco Roquette, Representante Residente do PNUD e Representante Residente adjunto do PNUD em Moçambique, respectivamente.

Índice

1 Introdução **4**

2 COVID-19 e a economia informal - uma perspectiva internacional **5**

3 O impacto da COVID-19 na economia informal em Moçambique **7**

3.1 O impacto socioeconómico da COVID-19 em Moçambique 7

3.2 A economia informal em Moçambique 10

4 Inquérito ao Sector Informal sobre COVID-19 (CISS) **12**

4.1 Antecedentes e objectivos 12

4.2 Considerações metodológicas 13

5 Características da amostra - um segmento altamente vulnerável da população **14**

5.1 Características individuais 14

5.2 Características da empresa e do emprego 15

5.3 Características dos agregados familiares na amostra 16

6 O impacto socioeconómico da COVID-19 sobre a economia informal em Maputo **18**

6.1 Impactos nas empresas da economia informal e no emprego informal 19

6.2 Impactos nas famílias dos trabalhadores informais 26

6.3 Análise dos factores de impacto e das estratégias de resposta no estudo do CISS 29

7 Conclusão: Principais conclusões e recomendações de políticas **33**

7.1 Principais constatações 33

7.2 Recomendações de políticas 34

1. Introdução

A economia informal urbana foi identificada como um dos sectores mais expostos aos efeitos dos impactos socioeconómicos da pandemia da COVID-19, tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento por várias razões.

Em primeiro lugar, em muitos países, as actividades do sector informal estão fortemente concentradas no sector dos serviços, um sector que tem sido directamente afectado por restrições de confinamento e distanciamento social impostas por muitos governos em todo o mundo para reduzir a propagação da COVID-19.

Em segundo lugar, os trabalhadores do sector informal e as empresas informais tendem a ter acesso limitado a programas de apoio ao governo. No caso dos trabalhadores do sector informal, porque muitas vezes não se qualificam para programas de protecção social, que normalmente visam os segmentos mais vulneráveis e os mais pobres da população: os idosos, as pessoas com deficiência, as famílias monoparentais, ou os mais pobres, entre outros. No caso das empresas, por falta de registo ou por não cumprirem os parâmetros estabelecidos (dimensão ou volume de negócios) necessários para se qualificarem para os programas de apoio às empresas.

Finalmente, nos países em desenvolvimento, o sector informal urbano está estreitamente ligado aos sectores mais formais e modernos da economia (serviços, indústria transformadora, sector público), que tendem a concentrar-se nas zonas urbanas. Os operadores informais estão portanto mais expostos à dinâmica da economia global do que as pessoas cuja subsistência depende em grande parte de actividades primárias baseadas na subsistência que têm lugar nas zonas rurais.

O presente relatório apresenta os resultados de um inquérito de painel – o Inquérito ao Sector Informal sobre COVID-19, ou CISS – realizado entre as operadoras do sector informal em Maputo, Moçambique. Implementado pelo Escritório Nacional do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) em Moçambique em parceria com o Ministério da Economia e Finanças de Moçambique (MEF), o inquérito do CISS procurou monitorar os efeitos socioeconómicos que a pandemia teve na economia informal urbana de Maputo. Consiste em quatro rondas de inquéritos – um inquérito de base e três ondas de seguimento – implementados entre Agosto de 2020 e Março de 2021, o inquérito CISS gerou um rico conjunto de dados que captam a forma como as condições das empresas e das famílias na economia informal em Maputo foram afectadas pelos impactos socioeconómicos da COVID-19, assim como o tipo de estratégias de sobrevivência adoptadas pelos trabalhadores informais em resposta à crise.

O presente relatório está organizado da seguinte forma. A secção 2 providencia uma perspectiva internacional de como a pandemia da COVID-19 está a afectar a economia informal em países de todo o mundo. Segue-se, na Secção 3, uma breve análise dos impactos socioeconómicos que a COVID-19 tem tido até agora em Moçambique, assim como uma visão geral do sector informal no país. A Secção 4 apresenta o Inquérito ao Sector Informal sobre o COVID-19 (CISS), desdobrando considerações metodológicas fundamentais relativas à concepção e implementação do inquérito. A Secção 5 descreve as principais características da amostra, delineando as principais características do agregado familiar e do sector informal que definem os operadores do sector informal na amostra. Segue-se na Secção 6 a apresentação das principais conclusões do inquérito, em termos de como a pandemia da COVID-19 tem afectado os negócios e a vida dos operadores do sector informal em Maputo. Esta secção analisa estas questões examinando uma variedade de indicadores que captam o bem-estar das famílias e a dinâmica empresarial. Faz isto no entendimento de que crises socioeconómicas como a causada pela pandemia COVID-19 afectam as pessoas através de uma variedade de canais. A última parte da Secção 6 também explora em maior profundidade impactos específicos e estratégias de sobrevivência, procurando identificar factores ou características de amostra associadas aos efeitos da crise de COVID-19 no desemprego, poupanças, empréstimos, venda de bens duradouros, e consumo de alimentos para as famílias. Finalmente, a Secção 7 resume as principais conclusões deste estudo e discute brevemente as implicações de políticas públicas.

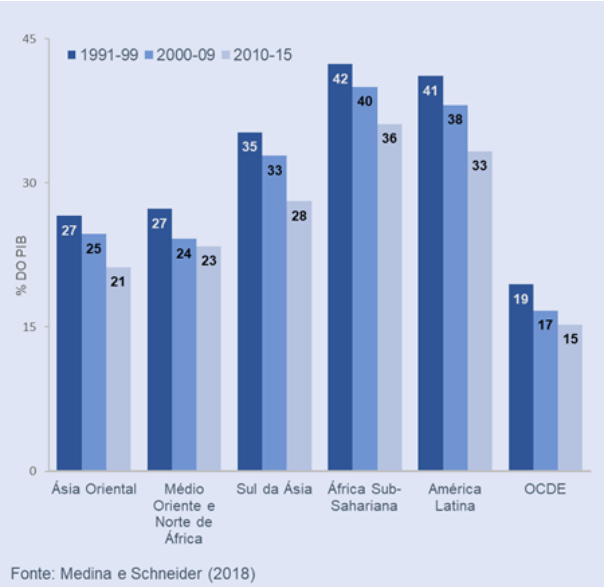
2. COVID-19 e a economia informal - uma perspectiva internacional

A informalidade é uma característica predominante em grande parte do mundo em desenvolvimento, com a economia informal sendo uma fonte significativa, muitas vezes a mais elevada, de emprego. A OIT estima que até dois biliões de pessoas, equivalentes a 61,2 por cento da população mundial empregada, ganham a sua subsistência na economia informal, sendo que 93 por cento destas vivem em economias emergentes e em desenvolvimento.[1,2] Nestes países, o emprego informal é responsável pela maioria do emprego, em média 69,6 por cento, contra apenas 18,3 por cento do emprego nas economias desenvolvidas, com esta percentagem a subir para 85,8 por cento na África.

A economia informal é também um importante contribuinte para o PIB e, portanto, para a riqueza dos países. No seu estudo da economia paralela, Medina e Schneider (2018)[3] estimam que as actividades da economia informal representaram em média 27,8 por cento do PIB em 2015 para os 158 países considerados na sua análise. Esta percentagem, contudo, variou significativamente, tanto entre os níveis de rendimento como entre as regiões, variando entre 15 por cento nas economias avançadas no período 2010-2015, e 38,8 por cento nos países de baixo rendimento, e entre 20,2 por cento na Europa e 36,2 por cento na África Subsaariana, durante este mesmo período (ver **Figura 1** para mais pormenores). No entanto, esta quota tem vindo a diminuir constantemente desde o início dos anos 90, o que se aplica a todos os níveis de rendimento e regiões, com a contribuição média da economia informal para o PIB global a cair de um valor estimado de 35,1 por cento em 1991 para 27,8 por cento, em 2015.

Embora os trabalhadores do sector informal contribuam significativamente para a economia, eles têm geralmente acesso limitado a programas de protecção social, assim como a cuidados de saúde e tratamento médico. Isto torna-os particularmente vulneráveis aos choques de saúde e económicos, uma vez que não têm almofada para se apoiarem em tempos de crise.[4,5]

Figura 1: Contribuição da Economia Sombra para o PIB (em %)



A economia informal e a COVID-19

A COVID-19 exacerbou esta situação para milhões de trabalhadores do sector informal e fê-lo de forma desproporcionada.[6] Sem protecção social, estes têm apenas uma capacidade limitada para lidar com os impactos económicos, sociais e sanitários da pandemia. Num contexto em que a informalidade está frequentemente associada ao acesso limitado aos recursos médicos, assim como às instalações sanitárias e de higiene, isto torna os trabalhadores informais particularmente vulneráveis às consequências da pandemia para a saúde. Além disso, porque muitos trabalhadores informais não estão registados, muitas vezes não têm acesso aos benefícios governamentais.[7]

[1] Estes países são também os que mais emprego mundial criam, embora esta percentagem seja um pouco menor (82 por cento).

[2] ILO (2018). "Women and men in the informal economy: a statistical picture" (3rd edition). Genebra.

[3] Medina, L., Schneider, M. F. (2018). "Shadow economies around the world: what did we learn over the last 20 years?". International Monetary Fund.

[4] OIT (2020). "Alargar a segurança social aos trabalhadores da economia informal: Lições da experiência internacional". Genebra.

[5] Horn, Z. (2009). "No Cushion to Fall Back On: The Global Economic Crisis and Informal Workers". WIEGO Inclusive Cities.

[6] ILO (2021). "Monitor da OIT: COVID-19 e o mundo do trabalho". Sétima edição. Genebra.

[7] Yu, S. (2020). "Como é que a informalidade agrava o impacto da COVID-19?" Publicado no Data Blog, Banco Mundial.

Globalmente, a OIT estima que quase 1,6 bilhões de trabalhadores formais foram significativamente afectados pela pandemia, quer devido a medidas de encerramento, quer porque estes trabalhadores operavam em sectores fortemente afectados.[8] As estimativas para África indicam que a percentagem de trabalhadores informais que foram afectados pela COVID-19 poderá atingir 83 por cento, o que corresponde a 325 milhões de pessoas (ver **Tabela 1**). Para muitos trabalhadores informais, trabalhar à distância ou não trabalhar não é uma opção, uma vez que ficar em casa se traduz em rendimentos perdidos. Sem fontes alternativas de rendimento e sem protecção social, a OIT estima que estas perdas de rendimento poderiam resultar num aumento da pobreza relativa dos trabalhadores informais em quase 34 por cento, a nível global, e em até 56 por cento nos países com rendimentos mais baixos.

Tabela 1: Trabalhadores da economia informal significativamente afectados por medidas de encerramento (2020)

	Emprego informal	Impactou significativamente os trabalhadores informais	
	(milhões)	*(milhões)*	*(%)*
Mundo	2'060	1'564	76%
África	391	325	83%
Américas	192	169	88%
LAC	158	140	89%
Países Árabes	31	27	89%
Ásia e Pacífico	1'346	988	73%
Europa e Ásia Central	100	65	64%

Fonte: OIT (2020)

A pandemia está também a ter um grande impacto no desemprego e subemprego entre os trabalhadores informais. Muitos trabalhadores informais nos sectores de abastecimento alimentar estão em risco de perder o seu meio de subsistência devido as medidas de confinamento e as restrições à circulação de pessoas. A sua vulnerabilidade pode aumentar ainda mais, uma vez que podem ter de recorrer a estratégias de adaptação negativas, tais como a venda de bens domésticos, trabalho infantil ou empréstimos predatórios de prestamistas informais.[9]

É importante notar que o impacto da COVID-19 não está a ser neutro em termos de género. As mulheres foram particularmente afectadas pela perda massiva de empregos e a perda de rendimentos e meios de subsistência provocada pela pandemia, por várias razões. Primeiro, porque as mulheres estão sobre-representadas em muitas das indústrias mais duramente afectadas pela COVID-19, tais como serviços alimentares, retalho e entretenimento. Além disso, uma vez que as medidas de bloqueio têm mantido as pessoas em casa, o fardo dos cuidados não remunerados e do trabalho doméstico tem aumentado para as mulheres. As mulheres também têm sofrido em termos não económicos. Os relatórios mostram taxas mais elevadas de violência contra as mulheres durante a pandemia. Além disso, as mulheres estão também mais expostas aos riscos de saúde do COVID-19, uma vez que a nível global as mulheres representam 70 por cento dos trabalhadores da saúde e da assistência social.[10]

Embora os programas de vacinação tenham descolado na maioria dos países em todo o mundo, para muitos países em desenvolvimento estes esforços estão ainda nas suas fases mais iniciais. Assim, aos 14 de Agosto de 2021, as vacinações por 100 pessoas no continente africano situavam-se em 6,2 por cento, em comparação com 112,8 por cento para países da União Europeia, 89,4 por cento na América do Norte, 71,31 na América do Sul ou 66,45 na Ásia.[11] Como resultado, para muitos países, o distanciamento físico continua a ser a única forma de quebrar a cadeia da infecção, especialmente para os países de baixos rendimentos. É provável que estes países continuem a manter as restrições COVID-19 em vigor até que as vacinações tenham retomado e

[8] ILO (2020). "ILO Briefing note: Impact of lockdown measures on the informal economy - A summary". Genebra.

[9] FAO (2020). Impacto da COVID-19 nos trabalhadores informais. Roma.

[10] Azcona, G., Bhatt, A., Encarnacion, J., Plazaola-Castaño, J., Seck, P., Staab, S., Turquet, L. (2020). "From Insights to Action: Gender equality in the wake of COVID-19". UN Women.

[11] Dados recuperados da base de dados online "Our World in Data"em 16 de Agosto de 2021 (`https://ourworldindata.org/`).

atingido níveis consistentes com a imunidade de grupo, continuando a colocar uma tensão adicional na subsistência dos trabalhadores informais.

Em conclusão, os dados disponíveis indicam que os trabalhadores do sector informal em todo o mundo são um grupo especialmente vulnerável da população aos impactos socioeconómicos da COVID-19, trabalhadores que já foram gravemente afectados pela pandemia e continuam a sofrer as suas consequências económicas, sociais e sanitárias.

3. O impacto da COVID-19 na economia informal em Moçambique

3.1. O impacto socioeconómico da COVID-19 em Moçambique

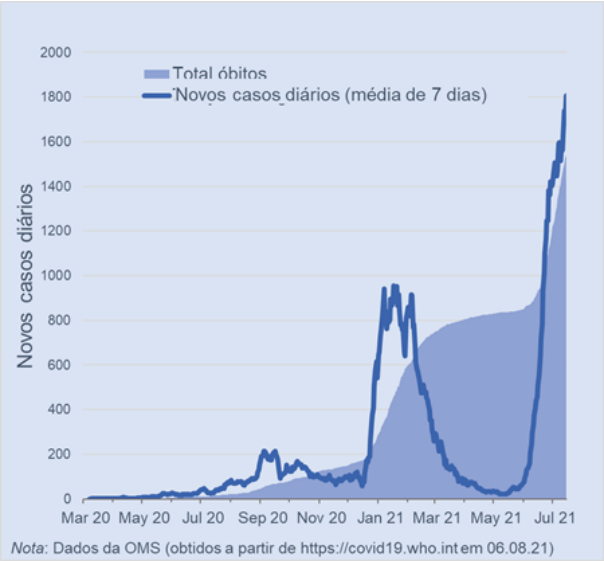
Moçambique reportou o seu primeiro caso COVID-19 a 22 de Março de 2020. Desde então, o país registou um total de 137.413 casos de infecções confirmadas e 1.690 mortes oficiais (ver **Figura 2**).[12] É provável que os números reais sejam significativamente mais elevados, dado o fraco sistema de saúde de Moçambique, bem como a sua cobertura limitada para além das zonas urbanas e peri-urbanas do país.

Tal como em todo o mundo, a pandemia da COVID-19 tem tido um impacto social e económico muito significativo em Moçambique. Uma série de choques de procura e de oferta em curso, que atingiram Moçambique desde o início da pandemia, explicam este facto. Estes vão desde o forte abrandamento experimentado pela economia mundial e o seu impacto em Moçambique, que tem uma das economias mais abertas da África Subsaariana[13], à adopção pelo governo de medidas rigorosas de distanciamento social e de bloqueio. No seu conjunto, estes choques afectaram gravemente a actividade económica e perturbaram a vida e a subsistência dos moçambicanos em todo o país.

[12]Dados recuperados do Painel do Coronavírus da OMS (COVID-19) em 16 de Agosto de 2021 (`https://covid19.who.int/`)

[13]A média das exportações de Moçambique para o período 2015-2019 foi de 37,8%, significativamente superior à média da África Subsaariana (24,3%) e superior aos seus pares regionais: Tanzânia (16,2 por cento), Quénia (13,9 por cento) ou África do Sul (30,0 por cento).

Figura 2: Números pandémicos para Moçambique, novos casos diários de COVID-19 e Mortes Cumulativas



A nível macroeconómico, a economia de Moçambique sofreu em 2020 a sua primeira contracção em quase trinta anos, em grande parte devido à pandemia, com o PIB a cair 1,23 por cento, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística (ver **Figura 3**).[14] Os sectores mais duramente atingidos foram o turismo, os serviços, os transportes, a indústria transformadora e a construção, todos eles contraídos em 2020. As indústrias extractivas, que em 2019 representavam 7 por cento do PIB, também sofreram um declínio muito acentuado de 15,1 por cento, embora este tenha sido em grande parte impulsionado por factores específicos da indústria extractiva, e não pelo impacto da COVID-19.

Do lado da procura, este acentuado abrandamento da actividade económica reflectiu-se também no fraco desempenho do sector externo de Moçambique, com o valor das exportações a cair 15 por cento em 2020, o das importações a cair 0,4 por cento, enquanto o investimento directo estrangeiro em projectos que não os megaprojectos registou um declínio muito acentuado, de 875,3 milhões de dólares em 2019 para apenas 212,5 milhões de dólares em 2020. O consumo agregado, por outro lado, caiu 7,2 por cento em 2020, com reduções tanto no consumo privado como público, de 2,1 e 19,3 por cento, respecti-

[14]INE (2021). «Produto Interno Bruto, Óptica de Produção». Recuperado online em 18 de Agosto de 2021.

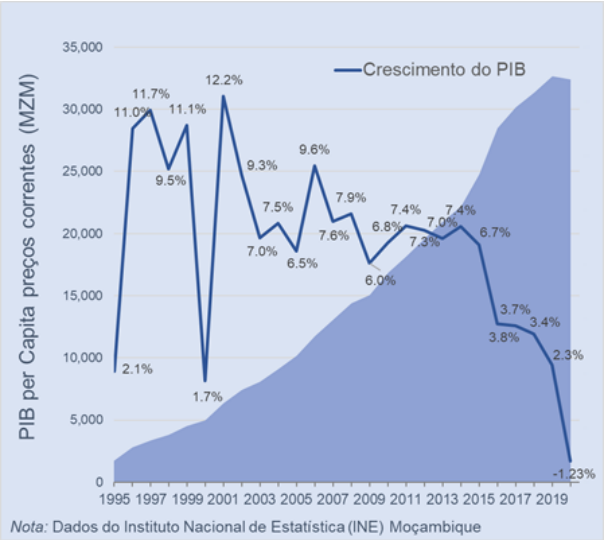
vamente (INE, 2021).

Enquanto aos mais recentes números macroeconómicos divulgados pelo INE apontam para uma recuperação da actividade económica, as perspectivas de Moçambique a curto e médio prazo continuam tépidas, com o FMI a projectar um crescimento do PIB de apenas 2,1 por cento em 2021 e de 4,7 por cento em 2022.

Um importante motor por detrás da forte contracção da actividade económica em Moçambique tem sido, desde o início da pandemia, a adopção de uma série de medidas de confinamento e distanciamento social por parte do governo desde o início da pandemia, destinadas a reduzir a propagação da COVID-19 no país. Desde a introdução da legislação sobre o estado de emergência no final de Março de 2020[15], o país viu serem introduzidas medidas para reduzir o horário de trabalho, limitar e, em alguns casos, proibir certo tipo de actividades comerciais (por exemplo, ginásios, venda de álcool, barracas, etc.), reduzir a mobilidade e as limitações às reuniões sociais, encerrar o tráfego aéreo internacional, limitar o acesso a espaços públicos (por exemplo, praias), reforçar os controlos de carga e viagens internacionais, ou esquemas de rotação para os trabalhadores dos sectores público e privado, entre outros. Além disso, a ruptura das cadeias de abastecimento internacionais e, especialmente, regionais, também desempenhou um papel importante. Este é particularmente o caso das cadeias de abastecimento com a vizinha África do Sul, um país que em 2019 representava 28,5 por cento das importações de Moçambique e do qual depende para o fornecimento de todo tipo de mercadorias, desde peças sobressalentes, a equipamentos, material de construção, alimentos frescos, ou bens de consumo.

Não surpreendentemente, o impacto da COVID-19 tem sido fortemente sentido tanto nas empresas como nas famílias. A nível das famílias, o Inquérito de Alta Frequência do INE e o Banco Mundial[16], que tem vindo a acompanhar regularmente a situação dos agregados familiares urbanos desde o início da pandemia, ajuda a ilustrar o grave sofrimento enfrentado pelas famílias em todo o país. Os resultados das primeiras seis rondas do inquérito, abrangendo o período de junho a Novembro de 2020, apontam para um impacto significativo na segurança alimentar, com cerca de 60 por cento dos agregados familiares inquiridos a relatar terem falhado uma refeição em resultado da crise, e com até 37 por cento das famílias ficarem sem comer durante um dia inteiro durante as fases iniciais da pandemia. O inquérito também sugere um impacto considerável no desemprego como resultado da crise.

Figura 3: Moçambique, crescimento PIB 1995-2020



Um inquérito nacionalmente representativo de 1.333 adultos realizado em Fevereiro de 2021 como parte da Parceria para Resposta baseada em Evidência à COVID-19 demonstra um quadro igualmente sombrio.[17] Assim, 30 por cento dos inquiridos relataram ter dificuldade em obter medicamentos nos três meses anteriores ao inquérito, enquanto 23 por cento indicaram ter faltado ou atrasado as visitas de saúde durante os seis meses anteriores ao inquérito, em resultado da crise da COVID-19. Por outro lado, 61 por cento dos inquiridos afirmaram ter sofrido uma perda de rendimentos devido à pandemia e 54 por cento declararam ter faltado refeições. As principais barreiras ao acesso aos alimentos relatadas neste inquérito incluíram a redução do

[15] Decreto Presidencial n.º 11/2020 de 30 de Março de 2020.

[16] INE e Banco Mundial (2021) Relatório do Inquérito sobre o Impacto da COVID-19 nos Agregados Familiares Urbanos em Moçambique: de junho a Novembro de 2020. Maputo.

[17] PERC (2021). "Encontrar o equilíbrio: Saúde Pública e Medidas Sociais em Moçambique". Parceria para Resposta Baseada em Evidências à COVID-19.

rendimento, o aumento dos preços dos alimentos, o encerramento dos mercados, restrições de mobilidade e escassez de oferta alimentar.

Contra este pano de fundo, Barletta et al (2021)[18] estimam que a crise COVID-19 poderá resultar numa queda no consumo doméstico entre 7,1 por cento e 14,4 por cento em 2020, e num aumento da pobreza baseada no consumo entre 4,3 e 9,9 pontos percentuais, com até 2 milhões de pessoas adicionais a entrarem na pobreza. De acordo com a sua análise, é provável que este impacto da pobreza tenha sido mais intenso nas zonas rurais, uma vez que os níveis de consumo já eram baixos antes da pandemia.

As empresas foram fortemente atingidas pela pandemia. Um inquérito realizado pelo Instituto Nacional de Estatística a mais de 89.000 empresas em todo o país entre Abril e Julho de 2020,[19] concluiu que 2,3 por cento destas empresas tinham fechado como resultado da COVID-19, o que resultou num total de 43 mil perdas de emprego (ver **Tabela 2** para mais detalhes). As pequenas empresas foram particularmente afectadas por estes encerramentos, com 3,1 por cento delas a encerrar, representando 95 por cento das perdas de emprego relacionadas com a COVID-19. As estimativas deste mesmo inquérito situam a perda de receitas das empresas durante o primeiro semestre de 2020 em 41 por cento, sendo esta queda particularmente intensa para as pequenas empresas: 48,7 por cento.

O impacto da pandemia nas empresas tem sido especialmente intenso em sectores como o turismo, fortemente dependente de visitas internacionais. Assim, um estudo de Junho de 2020 da CTA, a principal associação empresarial de Moçambique, concluiu que cerca de 75 por cento dos estabelecimentos turísticos inquiridos para este estudo na província de Inhambane, o principal destino turístico de Moçambique, tinham encerrado.[20]

[18] Barletta et al. (2021) O impacto da COVID-19 no consumo e na pobreza em Moçambique. WIDER WP 2021/94.

[19] INE (2020). "Resultados do inquérito do Impacto da COVID-19 nas empresas." Instituto Nacional de Estatística. Maputo.

[20] CTA (2020) Impacto da pandemia da COVID-19 no sector empresarial e medidas para a sua mitigação. Maputo.

Tabela 2: Impacto da COVID-19 nos negócios e trabalho

	Maio 2020	Jan 2021
Variação média das receitas em relação a 2019	-25,9	-53,5
Av. Número de Trabalhadores (1000)	3 523	3 316
Av. Dias Mensais de Trabalho por trabalhador	22,6	18,6
Av. Horas Mensais Trabalhadas por trabalhador	7,9	7,5
N.º de Empresas Afectadas	80,765 (90.4%)	
Nº de Negócios Fechados	2,316 (2.9%)	
Nº trabalhadores afectados pelo encerramento de empresas	43,578 (1.3%)	

Fonte: INE (2020)

É importante notar que estes eventos têm lugar contra uma economia já enfraquecida e um sector empresarial e tecido social frágeis. Assim, a pandemia segue-se a vários anos de fraco desempenho económico, com a economia moçambicana a crescer apenas a 3,3 por cento entre 2015 e 2019, de uma média de 7,9 por cento entre 1993 e 2015, o resultado de choques adversos de clientela temática que atingiram o país nos últimos anos, os baixos preços de algumas ds principais exportações de Moçambique e a crise da dívida oculta, entre outros factores. Segue-se também a vários anos de queda do rendimento per capita, resultado do fraco desempenho económico de Moçambique e do elevado crescimento populacional, actualmente perto dos 3 por cento por ano, um dos mais elevados do mundo.

Em resposta a estes impactos, o governo de Moçambique articulou uma série de medidas destinadas a aliviar a situação das famílias e as empresas. As respostas de política social incluíram a introdução de isenções no pagamento do IVA e de impostos de importação - equipamentos médicos, alimentos (açúcar, óleo) e outros bens de consumo básicos (por exemplo, sabão). Uma redução geral de 10 por cento das tarifas de electricidade, aumentando para 50 por cento para as famílias que pagam a chamada "tarifa social", bem como o atraso no pagamento das facturas de água e a sua isenção de pagamento para os utilizadores de baixo consumo. Uma medida chave

na frente social tem sido a expansão do actual programa de protecção social de Moçambique, que visa aumentar a cobertura de 592.179 para 1.695.004 famílias afectadas pela pandemia da COVID-19, que de outra forma não seriam elegíveis para apoio.[21]

Entre as medidas de apoio às empresas contam-se o adiamento do pagamento de impostos sobre as sociedades às empresas com um volume de negócios inferior a 2,5 milhões de MZN, a compensação dos créditos fiscais de IVA com outros impostos, uma redução de 10 por cento das tarifas de electricidade para as empresas, a suspensão das tarifas de telefonia móvel, um aumento temporário dos limites das transacções de telefonia móvel ou o perdão de multas de contribuição social, a introdução de uma linha de crédito subsidiada de 22,9 milhões de dólares para apoiar as PMEs, bem como medidas mais gerais do Banco de Moçambique para reduzir as taxas de juro e os requisitos regulamentares bancários, contribuindo para aumentar a liquidez no sector financeiro.[22]

3.2. A economia informal em Moçambique

Estima-se que a economia informal em Moçambique represente 31 por cento do PIB.[23] Inclui uma gama muito vasta e diversificada de actividades que vão desde os milhões de moçambicanos que ganham a vida com a agricultura e a pesca de subsistência, até às muitas empresas informais e trabalhadores independentes que operam na economia urbana do país como pequenos comerciantes, ou envolvidos em actividades artesanais, de construção civil e de pequena escala.

A Inquérito do Sector Informal realizado pelo INE em 2005, INFOR-2005[24], fornece o mapeamento mais aprofundado deste sector. Com base em uma amostra representativa nacionalmente de 6.900 domicílios, a pesquisa fornece informações detalhadas das actividades de emprego formais e não formais para pessoas com mais de sete anos de idade, gerando estimações estatísticas robustas até o nível provincial. Qualquer actividade em que os participantes da pesquisa estejam envolvidos como trabalhadores, autónomos ou empresários é considerada parte da economia informal se nenhuma das duas condições a seguir for preenchida:

1. A actividade é registada ou junto às autoridades provinciais ou na Repartição de finanças correspondente/departamento fiscal local.
2. Esta empresa possui um documento oficial, seja uma licença (alvará) ou uma Ficha de Registo, ou, no caso de funcionários, estes possuem um contrato de trabalho oficial.

De acordo com os resultados desta pesquisa, 75,2 por cento da força de trabalho estava empregada na economia informal em Moçambique em 2005, outros 7,9 por cento estavam trabalhadores em actividades formais, enquanto os 17 por cento restantes estavam desempregados. A informalidade era mais prevalente nas áreas rurais, onde 86,9 por cento da força de trabalho estava envolvida em actividades informais, com esta mesma proporção atingindo apenas 50,4 por cento em ambientes urbanos.

É importante notar que uma grande parte da população da economia rural informal identificada na pesquisa INFOR-2005 engajou-se principalmente em actividades de subsistência na agricultura e outros sectores primários, constituindo um perfil muito diferente do dos trabalhadores da economia informal em áreas urbanas. Assim, os dados desta pesquisa indicam que 97 por cento dos de trabalhadores rurais informais foram trabalhadores na agricultura e em outras actividades primárias. Em ambientes urbanos, porém, esta participação foi significativamente menor, embora ainda considerável: 68,9 por cento, e foi seguida por aqueles trabalhadores no comércio e serviços, 24,3 por cento, e aqueles engajados em actividades de construção civil: 6,9 por cento (ver **Tabela 3**).

Vale a pena salientar que o inquérito INFOR-2005 constatou que uma parte significativa dos

[21] Antes da COVID-19, estes programas centravam-se principalmente no apoio a pessoas muito vulneráveis, nomeadamente idosos, pessoas com deficiências, doentes crónicos, bem como a certas categorias de crianças (por exemplo, crianças chefes de família, órfãos).

[22] Banco Mundial (2021) Actualização Económica de Moçambique: Preparando o Estágio de Recuperação. Maputo.

[23] Ver nota de rodapé 3.

[24] INE (2006). "Resultados do Primeiro Inquérito Nacional ao Sector Informal: INFOR-2005". Maputo.

Tabela 3: Número de trabalhadores informais com mais de 7 anos de idade por sector principal de actividade (em por cento)

	Agricultura	Indústria e Construção	Comér. e Turismo	Outrosr Serviços	Total
Urbana	68.9	6.9	18.4	5.9	100
Cidade Maputo	10.9	13.8	49.4	25.9	100
Rural	97	0.7	1.4	0.8	100
Nacional	90.9	2	5.1	1.9	100

Fonte: INE (2006)

trabalhadores formais, 17 por cento, também se dedicava a actividades secundárias informais. Esta participação foi particularmente alta nas áreas rurais, onde até 36,4 por cento dos trabalhadores formais se envolveram em actividades informais, mas também foi significativa em contextos urbanos, em ambos os casos com a maioria destes trabalhadores formais envolvidos em actividades informais no sector agricultura.

Os trabalhadores do sector informal não eram particularmente jovens no INFOR-2005: 42,9 por cento deles tinham 35 anos de idade ou mais. Aqueles com menos de 25 anos de idade representavam apenas 31 por cento do total. A pesquisa também encontrou importantes dimensões de género para a informalidade, com 58,5 por cento dos trabalhadores informais no país sendo mulheres. Estas diferenças eram particularmente perceptíveis no sul do país, sendo que até 65,8 por cento dos trabalhadores do sector informal eram mulheres. Em termos de status de emprego, a pesquisa constatou que a grande maioria dos operadores da economia informal fora da agricultura, 73,2 por cento, eram autónomos ou empresários, sendo o restante (26,8 por cento) trabalhadores por outros.

Um estudo sobre informalidade em Moçambique realizado por Byiers (2009) usando dados do inquérito INFOR-2005 do INE e focando apenas em empresários autónomos não agrícolas, conclui que 57,7 por cento desses operadores poderiam ser classificados como involuntariamente informais, com 44,1 por cento deles citando a falta de oportunidades de emprego assalariado como a principal razão para operar um negócio informal, e um adicional de 13,6 por cento citando explicitamente razões relacionadas à sobrevivência. De acordo com este mesmo estudo, o efeito estimado de ser formalmente registado na produtividade do trabalho para este segmento particular do sector informal foi de 31,6 por cento a 34,5 por cento, controlando para todas as outras características possíveis da empresa, com o valor médio anual implícito do prémio de valor agregado para as microempresas registando entre US$ 513 e US$ 560 por ano.

O recente Inquérito de Empresas de Moçambique do Banco Mundial de 2018, que inclui um módulo específico sobre as empresas informais, também é útil para a visão da economia informal do país.[25] Com base em uma amostra de 554 empresas informais[26] operando na Beira, Maputo e Nampula, o inquérito conclui que as empresas informais tendem a ser menores e mais jovens que as empresas formais, empregando em média 1,6 trabalhadores, em oposição a 14,1 trabalhadores para empresas formais, e tendo uma idade média de 4,7 anos, contra 8 anos para empresas micro formais e 14,9 anos para empresas formais maiores. As empresas informais nessas localidades também são mais propensas a serem propriedade de mulheres e operam principalmente no sector varejista, com uma estimativa de 72 por cento delas envolvidas em actividades de varejo, contra 52 por cento das empresas formais incluídas na pesquisa.

Além dessas características descritivas do sector informal, os resultados deste inquérito indicam que as empresas informais vendem menos, são menos produtivas e são menos lucrativas do que as microempresas formais. Assim, Aga et al (2019) constatam que a informalidade para as empresas neste inquérito está associada à venda de 25 vezes menos que as empresas formais e à venda de 15 vezes menos que as empresas formais com menos de 5 trabalhadores. As empresas informais também são entre 17 e 19 vezes menos lucrativas do que as empresas formais. Uma parte significativa dessas diferenças pode ser explicada pelas diferenças nos traços de empresa e

[25] Ver Aga et al (2019) para uma análise dos principais resultados deste inquérito.

[26] As empresas eram consideradas informais se lhes faltasse uma licença de exploração, um certificado de registo comercial ou um número de identificação do contribuinte (NUIT).

propriedade que existem entre as empresas formais e informais. Mas mesmo após o controle dessas diferenças, as empresas informais ainda são entre 2 a 3 vezes menos produtivas do que as microempresas formais. Apesar dessas diferenças, Aga et al (2019) descobrem que poucas empresas informais transitam para o sector formal, sendo que muito poucas delas sequer consideraram essa mudança. Principalmente porque estas empresas não vêem nenhum benefício em registar seus negócios, com 33,5 Por cento das empresas pesquisadas citam esta como a principal razão para não fazê-lo, embora outros factores como o tempo, taxas e burocracia envolvidos na formalização (26,1 por cento) ou a falta de informação (18,6 por cento) também tenham sido importantes.

Apesar destes resultados sobre as diferenças estruturais que existem entre empresas formais e informais, Aga et al (2019) descobrem que existe uma heterogeneidade significativa entre as empresas informais. De fato, algumas destas características relativas ao desempenho das empresas informais se assemelham muito às das empresas formais. Essas são empresas, argumentam, que poderiam potencialmente se tornar empresas formais com o apoio adequado (formação e desenvolvimento de habilidades, assistência na formalização, apoio no acesso ao mercado e à tecnologia, etc.). O restante, representando cerca de 60 por cento das empresas inqueridas, é, no entanto, pouco provável que consiga fazer essa mudança em direcção à formalização.

4. Inquérito ao Sector Informal sobre COVID-19 (CISS)

4.1. Antecedentes e objectivos

Desde o início, o sector informal urbano em Moçambique tem sido identificado como um dos grupos da população potencialmente mais vulneráveis e de maior risco aos impactos socioeconómicos da pandemia da COVID-19.[27] Três razões principais estão subjacentes a estas preocupações.

[27] Ver por exemplo ONU (2020) "Desembalar o potencial impacto socioeconómico da pandemia de COVID-19 em Moçambique", uma análise da situação das Nações Unidas e recomendações de políticas. Maputo, 30 de Março.

Primeiro, como parte intrínseca do contexto urbano, que nos países em desenvolvimento tende a concentrar as partes mais avançadas e abertas da economia (comércio, indústria, logística), a economia informal está mais exposta à dinâmica da economia global, neste caso, a forte retracção experimentada pela economia global como resultado da pandemia da COVID-19.

Em segundo lugar, as actividades informais nos países em desenvolvimento, que muitas ve ocorrem em ruas e áreas de mercado informal, foram fortemente atingidas por medidas de confinamento e outras restrições relacionadas à COVID-19 introduzidas pelos governos em todo o mundo para restringir a mobilidade e a actividade comercial, especialmente em áreas urbanos.

Finalmente, por sua própria natureza, as empresas informais e os trabalhadores provavelmente terão acesso limitado à protecção social e aos programas de apoio empresarial implementados pelos governos em resposta à COVID-19. Como empresas, porque normalmente carecem de registo e outras capacidades empresariais básicas (por exemplo, contas) para se beneficiar de empréstimos governamentais e outras medidas de apoio. Como trabalhadores informais e empresários, porque é improvável que eles cumpram os critérios de elegibilidade estabelecidos para a maioria dos programas de protecção social, que normalmente visam os segmentos mais vulneráveis da população.

É neste contexto que o Escritório do PNUD em Moçambique decidiu em meados de 2020 realizar, em colaboração com o Ministério de Economia e Finanças (MEF), uma série de pesquisas para monitorar e avaliar como a pandemia da COVID-19 estava impactando, de uma perspectiva socioeconómica, os operadores do sector informal na cidade de Maputo: *Inquérito ao Sector Informal sobre COVID-19, CISS.*

O estudo do CISS foi feito em parceria com a ASSOTSI-AEIMO, a principal associação de operadores da economia informal de Moçambique, e envolveu uma variedade de especialistas independentes e da ONU no seu desenho, implementação e análise. Dentro da ONU, o Programa de Crescimento Inclusivo em Moçambique da UN-WIDER forneceu apoio específico na

concepção da pesquisa e na análise dos resultados. As pesquisas, por outro lado, foram administradas pelo escritório local da IPSOS, a empresa francesa de pesquisas de mercado e pesquisas de opinião.

4.2. Considerações metodológicas

O inquérito de CISS foi concebido como um estudo longitudinal quantitativo, consistindo num inquérito inicial de base e três ondas de seguimento, e foi implementado entre Agosto de 2020 e Março de 2021. A pesquisa de base foi realizada em Setembro de 2020 e procurou gerar informações gerais sobre os operadores do sector informal e suas famílias, além de recolher uma primeira rodada de dados sobre o impacto socioeconómico da pandemia neste grupo da população. As três pesquisas de acompanhamento restantes visavam monitorar ao longo do tempo os efeitos socioeconómicos da COVID-19 no sector informal, recolhendo regularmente dados sobre um conjunto de indicadores definidos para este fim. Elas foram implementadas entre Outubro de 2020 e Março de 2021, de acordo com o calendário apresentado na **Tabela 4**.

A pesquisa inicial de base foi realizada sobre uma amostra gerada aleatoriamente de 600 trabalhadores informais, com 18 anos de idade ou mais, afiliados à ASSOTSI, para os quais a ASSOTSI tinha informações básicas de identidade (idade, sexo, etc.), assim como detalhes de contato. Esta amostra foi estratificada por idade, a fim de melhor representar os trabalhadores no Censo Nacional de 2017, grupo que foi tomado como referência da amostra relevante da população de trabalhadores informais em Maputo. Uma subamostra de 500 desses operadores informais foi atribuída aleatoriamente a cada dois meses para cada uma das três ondas de acompanhamento realizadas para este estudo.

Os questionários do inquérito incluíram tanto questões relativas à situação familiar com à dos negócios e condições de emprego dos operadores do sector informal, com a ideia de capturar estas duas dimensões na análise do impacto socioeconómico da pandemia COVID-19 sobre o sector informal em Maputo. Alem domais, foi feito um esforço para incluir ou adaptar perguntas ao contexto da COVID-19, com base no trabalho similar relacionado à pandemia realizado em outros países, bem como no trabalho em situações de emergência, adaptando-as ao contexto dos trabalhadores do sector informal em Maputo.

Tabela 4: Cronogramas de pesquisa de CISS

	Agricultura	Indústria e Construção	Comér. e Turismo	Outrosr Serviços	Total
Urbana	68.9	6.9	18.4	5.9	100
Cidade Maputo	10.9	13.8	49.4	25.9	100
Rural	97	0.7	1.4	0.8	100
Nacional	90.9	2	5.1	1.9	100

Fonte: INE (2006)

Os questionários de CISS foram elaborados em torno de cinco áreas amplamente definidas, consideradas relevantes para o objectivo do estudo:

(1) Características individuais, comerciais e domésticas. Este módulo foi apenas incluído no inquérito inicial de linha de base.
(2) Evolução das condições gerais de negócios na economia informal.
(3) Impactos sobre o emprego, renda, ganhos, economia e nutrição intra-doméstica.
(4) Estratégias comerciais e domésticas de sobrevivência.
(5) Impacto das medidas de apoio.

As entrevistas para as pesquisas foram realizadas em português e Changana, dependendo da preferência dos participantes, e levaram uma média de 40 minutos, no caso da pesquisa de base, e de 20 minutos, para as três ondas de acompanhamento.

A fim de cumprir as medidas de distanciamento social da COVID-19, foram realizadas entrevistas por meio de chamadas telefónicas, o que limitou o escopo dos tópicos que poderiam ser questionados e a precisão de algumas das informações mais complexas recolhidas. Para tratar dessas preocupações e minimizar qualquer forma de enviesamento ou recolha imprecisa de dados, foram realizadas verificações de qualidade em cada rodada de recolha de dados. Estas envolviam ter 16 por cento das entrevistas monitoradas por um supervisor, revisando 24 por cento das gravações das entrevistas para as pergun-

tas mais complexas incluídas na pesquisa, e revisando 5 por cento adicionais das gravações das entrevistas em sua totalidade. Por outro lado, para lidar com questões de desgaste típico dos estudos longitudinais, as substituições de entrevistas da amostra original de 500 pessoas geradas para cada rodada só foram feitas após 3 dias tentando contactar o entrevistado seleccionado, com pelo menos duas chamadas feitas por dia.

É importante notar que o projecto da pesquisa traz uma série de limitações que precisam ser tidas em conta na interpretação dos resultados. Entre elas, está o fato de que a pesquisa se baseia exclusivamente em uma amostra de membros registados da ASSOTSI, associação que obviamente não inclui entre os seus membros todos os operadores do sector formal da cidade de Maputo, menos ainda de Moçambique. A história da ASSOTSI e, em particular, de sua criação, intimamente ligada ao processo de privatização que Moçambique sofreu nos anos 90, que viu milhares de funcionários da SOE serem demitidos, muito provavelmente constrói certos preconceitos na pesquisa, com uma representação enviesada de trabalhadores informais mais velhos e mulheres e proprietários de empresas que operam em actividades particulares da economia informal em Maputo. Portanto, as conclusões deste estudo precisam ser interpretadas com cautela e não necessariamente extrapoladas para a população de trabalhadores urbanos informais em Maputo e Moçambique como um todo.

5. Características da amostra - um segmento altamente vulnerável da população

5.1. Características individuais

Como observado na secção anterior, um total de 600 trabalhadores do sector informal participaram nos inquéritos do CISS. Este é um grupo de pessoas de meia-idade, em grande parte do sexo feminino, com níveis básicos de educação. Assim, 64 por cento deles são mulheres, uma proporção significativamente maior do que a dos trabalhadores autónomos residentes em Maputo relatada no Censo Nacional de 2017 - tomada aqui como a população amostral de referência - 48,8 por cento dos quais eram mulheres.

Tabela 5: Perfil dos participantes

	Mulheres	Homens	Total
Idade dos entrevistados (média)	42.3	35.3	39.8
Género dos participantes	64.2%	35.8%	
Nível Educacional (% partic.)			
Sem aproveitamento escolar	10.2%	0.9%	6.8%
Educação primária	64.6%	54.4%	60.9%
Ensino secundário	23.2%	39.5%	29.1%
Educação técnica	1.3%	2.8%	1.8%
Educação terciária	0.8%	2.3%	1.3%

A idade média dos trabalhadores do sector informal que participam da pesquisa é de 39,8 anos, com a idade mediana e modal sendo de 38 anos. As mulheres são mais velhas que os homens: 42,3 anos de idade, em média, em oposição aos 35,3 anos para os homens. A pessoa mais jovem tinha 19 anos de idade na altura do inquérito de linha de base. A mais velha, tinha 70 anos de idade. Comparativamente, a amostra do CISS é ligeiramente mais velha que o grupo relevante da população no Censo Nacional de 2017, para o qual a idade média é de 39,5 anos.

A maioria dos trabalhadores informais da pesquisa do CISS vive na grande área metropolitana de Maputo, seja na cidade de Maputo (42,7 por cento da amostra), na cidade de Matola (43,9 por cento) ou no distrito de Marracuene (2,4 por cento), ao norte de Maputo. Há, entretanto, 9,2 por cento dos trabalhadores informais que vivem na Província de Gaza, cerca de 2-3 horas de viagem ao norte de Maputo e que viajam diariamente ou semanalmente a Maputo para vender seus produtos na capital. Curiosamente, este grupo inclui apenas mulheres, pois não há homens na amostra do CISS que vivem e viajam de Gaza.

Em termos de aproveitamento escolar, até 58,8 por cento dos trabalhadores informais da amostra concluíram a escola primária. O total de 34,3 por cento frequentou, sem concluir, a escola primária. Dos 19,1 por cento que frequentaram o ensino médio, 12,2 por cento frequentaram o en-

sino médio e 1,3 por cento frequentaram o ensino superior (ver **Tabela 5** para detalhes). Estes números estão em linha com aqueles encontrados no Censo Nacional de 2017 para trabalhadores autónomos residentes em Maputo, que pode ser considerado como a população de amostra de referência do estudo do CISS.

Os trabalhadores mais velhos mostram um baixo nível de escolaridade. Assim, enquanto a proporção daqueles sem educação formal é de 20,3 por cento para trabalhadores com 55 anos ou mais, esta é apenas de 11,7 por cento para trabalhadores entre 46 e 54 anos de idade. Além disso, todos os trabalhadores de 18 a 31 anos de idade, pelo menos frequentaram a escola primária. Existem também diferenças substanciais de género na educação: enquanto a proporção de mulheres que frequentaram a escola primária sem concluí-la é de 42,8 por cento, para os homens essa proporção cai para 19,1 por cento. Além disso, 10,2 por cento das mulheres nunca frequentaram a escola, em comparação com apenas 0,9 por cento dos homens.

5.2. Características da empresa e do emprego

De uma perspectiva empresarial e de emprego, o maior grupo de trabalhadores informais que participam da pesquisa do CISS é o dos "comerciantes fixos", que constituem a metade da amostra (ver **Tabela 6**). Estas são pessoas que operam nos diversos mercados que existem em Maputo, e que normalmente possuem uma banca fixa da qual vendem seus produtos. Essas pessoas comercializam todo tipo de produtos e serviços, embora haja uma preponderância dos que vendem alimentos frescos e secos (juntos, esses dois grupos representam 48,4 por cento da amostra), roupas (34 por cento) e acessórios (13,2 por cento). Este grupo é seguido pelo grupo dos vendedores de rua (22,3 por cento), e pelos trabalhadores informais que prestam serviços de encanamento, carpintaria ou conserto de calçados (4,8 por cento). A este respeito, a maioria dos participantes da pesquisa são comerciantes ou provedores de serviços, com pouca participação em actividades de fabricação ou artesanais.

Em comparação com os homens, as mulheres tendem a ser em grande parte comerciantes fixos ou de rua, com 60 por cento dos vendedores ambulantes e 69 por cento dos comerciantes fixos sendo mulheres. Os homens, por outro lado, são comparativamente dominantes nos serviços, com mais de três quartos (77,4 por cento) de todos os trabalhadores activos nos serviços sendo homens. Há também diferenças na actividade entre pessoas com diferentes antecedentes educacionais. Os provedores de serviços mostram um número maior de pessoas com educação secundária equiparada a comerciantes fixos e de rua, a maioria dos quais só tem escolaridade primária.

Tabela 6: Tipo de actividade dos participantes

	Mulheres	Homens	Total
Comerciante fixo	53.8%	44.2%	50.3%
Comerciante de rua	21.3%	24.2%	22.3%
Desempregado, à procura de um emprego	16.4%	15.8%	16.2%
Serviço (canalização, conserto de sapatos)	1.8%	10.2%	4.8%
Desempregados que não procuram emprego	5.7%	1.9%	4.3%
Agente telefónico	0.3%	3.3%	1.3%
Mukherista / Importador	0.5%	0.5%	0.5%
Outro	0.3%	-	0.2%

A maioria dos trabalhadores da economia informal que participam da pesquisa do CISS estão engajados nestas actividades há muitos anos, sendo que 40 por cento deles o fazem há mais de 10 anos, 22,7 por cento entre cinco e dez anos e apenas 37,3 por cento estão engajados em actividades da economia informal há cinco anos ou menos. Além disso, a maioria destes operadores formais trabalha por conta própria, embora 12,6 por cento empreguem outros trabalhadores informais em seus negócios. Esta percentagem está próxima à proporção de adultos residentes em Maputo no Censo Nacional de 2017, que se reportam como trabalhadores por conta própria com trabalhadores: 14,9 por cento.

Em termos de localização, até 55 por cento dos trabalhadores informais operam no bairro Zimpeto-KaMubukwana, na periferia norte de Maputo, onde se encontra o mercado grossista

de Zimpet, e que também tem uma alta concentração de actividades de varejo no mercado. Em seguida, os trabalhadores informais que operam no centro de Maputo (KaMpfumo), na "Baixa" (9,2 por cento), e os baseados no mercado Xipamanine - Nlhamankulu (8,6 por cento).

Quando perguntados onde operavam, muitos trabalhadores informais, totalizando 16 por cento da amostra no momento do inquérito de base, relataram ter sido recentemente recolocados para fora das áreas em que trabalhavam pelas autoridades locais. Como discutido com mais profundidade na próxima secção, este fenómeno está intimamente ligado aos altos níveis de desemprego relatados pelos participantes do estudo do CISS.

É importante notar, a este respeito, que há uma parcela significativa de trabalhadores informais na amostra que, no momento do inquérito de linha de base, reportaram estar desempregos: 20,5 por cento, percentagem que inclui tanto aqueles que procuram activamente trabalho, quanto aqueles que não. Esta foi uma descoberta recorrente ao longo das várias ondas da pesquisa CISS, com a proporção de desempregados na amostra aumentando ao longo do tempo. Esta questão é explorada em maior profundidade na próxima secção, dada sua ligação directa com o impacto socioeconómico da COVID-19 no sector informal de Maputo.

Há também diferenças consideráveis de género nas características empresariais e ocupacionais na amostra, especialmente no que diz respeito ao tipo de actividades que os trabalhadores informais masculinos e femininos realizam. As mulheres são mais propensas a operar em bancas de mercado fixas, vendendo produtos alimentícios frescos e secos, e também a estar desempregadas. Os homens, por outro lado, são mais activos como vendedores ambulantes, vendendo roupas e acessórios, e na prestação de serviços, tais como encanamento, carpintaria, conserto de calçados, etc. Muitos deles também relataram não estar trabalhadores, mas menos do que as mulheres.

5.3. Características dos agregados familiares na amostra

Ao examinar os impactos socioeconómicos da pandemia da COVID-19 no sector informal em Maputo, é importante olhar não apenas para os efeitos da pandemia no emprego ou nos negócios neste segmento da população, mas também como eles podem afectar suas famílias. Os dados recolhidos para o estudo do CISS sugerem que este era um segmento da população já altamente vulnerável, portanto, susceptível de ser fortemente impactado pela crise socioeconómica da COVID-19.

Em geral, 65 por cento dos participantes da pesquisa são chefes de família. Esta percentagem é consideravelmente menor para as trabalhadoras informais, 54,5 por cento, mas ainda assim significativa. Em média, as famílias dos trabalhadores informais do CISS têm seis (5,9) pessoas vivendo nelas, das quais três (2,8) são crianças menores de 18 anos, muitas das quais são significativamente mais jovens.[28] Estes são agregados familiares grandes e jovens, tanto pelos padrões de Maputo como moçambicanos. Assim, os números do Censo Nacional de 2017 colocam o tamanho médio das famílias de Maputo em 4,75 pessoas, e em 4,5 pessoas para Moçambique como um todo, com 1,9 e 2,5 crianças menores de 18 anos vivendo em média nessas famílias, respectivamente.

A grande maioria dos operadores informais que participaram da pesquisa do CISS, 77,5 por cento, devido às habitações em que vivem, a maioria dentro e nos arredores da cidade de Maputo, na grande área metropolitana de Maputo. Desses arrendatários, a maioria são homens (64,8 por cento), e são mais jovens do que os proprietários de casas na amostra.

Em geral, as condições de vida das famílias no estudo do CISS são piores do que as da população de referência do Censo Nacional de 2017 de trabalhadores por conta própria que residem em Maputo. Em termos de condições sanitárias, apenas 21 por cento dos trabalhadores informais da amostra tinham um banheiro em suas casas, em contraste com 52,5 por cento para os tra-

[28] Assim, 57% dos lares têm pelo menos um filho na faixa etária de 0 a 5 anos.

Tabela 7: Características domésticas do CISS

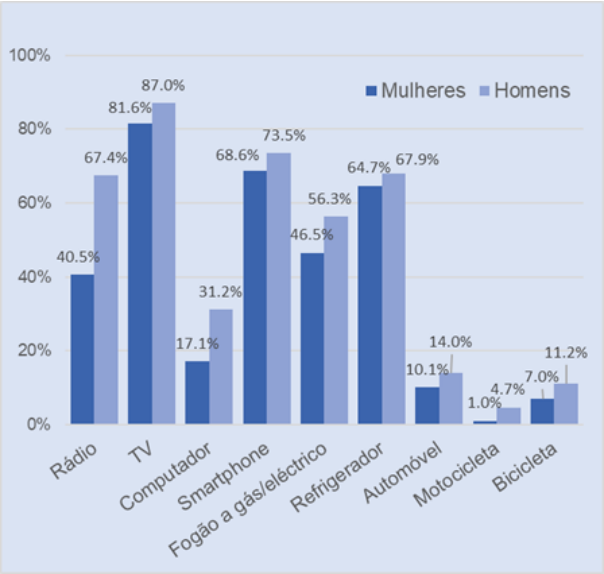
	Mulheres	Homens	Total
Tamanho do agr. familiar	6.07	5.61	5.91
Nº de crianças no lar	2.84	2.80	2.83
Nº de contribuintes para a renda do agregado familiar	1.44	1.45	1.45
Posse de moradia	10%	32%	17.5%
Acesso ao saneamento (Banheiro dentro de casa)	18.7%	25.1%	21.0%
Acesso à água potável segura (Água encanada em casa)	49.9%	47.0%	48.8%

balhadores por conta própria residentes em Maputo no Censo Nacional de 2017 (ver **Tabela 7**). O mesmo vale para o acesso à água potável, com apenas 48,8 por cento dos trabalhadores informais participantes do estudo do CISS tendo água encanada em suas casas, em oposição a 83,6 por cento para o grupo de referência do Censo Nacional de 2017.

Os trabalhadores informais que participam da pesquisa também possuem, em média, menos activos do que a população de referência do Censo Nacional de 2017. Assim, menos deles possuem telefones, computadores, fogões eléctricos e a gás, ou carros, e também um número menor deles possui contas bancárias (ver **Figura 4**).

Particularmente preocupantes no contexto da forte desaceleração económica causada pela pandemia, que reduziu a actividade económica e os ganhos em toda a economia moçambicana, são as limitadas fontes de renda que existem nas famílias de trabalhadores informais que participam do estudo do CISS. Até 5,3 por cento desses lares não tinham ninguém a trazer renda na altura da pesquisa de base do CISS, e outros 57 por cento tinham apenas um único ganhador de renda no domicílio. Essas quotas são igualmente altas independentemente da idade, sexo ou tamanho do domicílio, e permaneceram em níveis semelhantes ao longo das três ondas de acompanhamento da pesquisa do CISS. Há também importantes diferenças de género na propriedade de activos na amostra do CISS: 67 por cento dos homens possuem um rádio, 56 por cento possuem um fogão a gás ou eléctrico e 52 por cento

Figura 4: Propriedade de activos em residências CISS



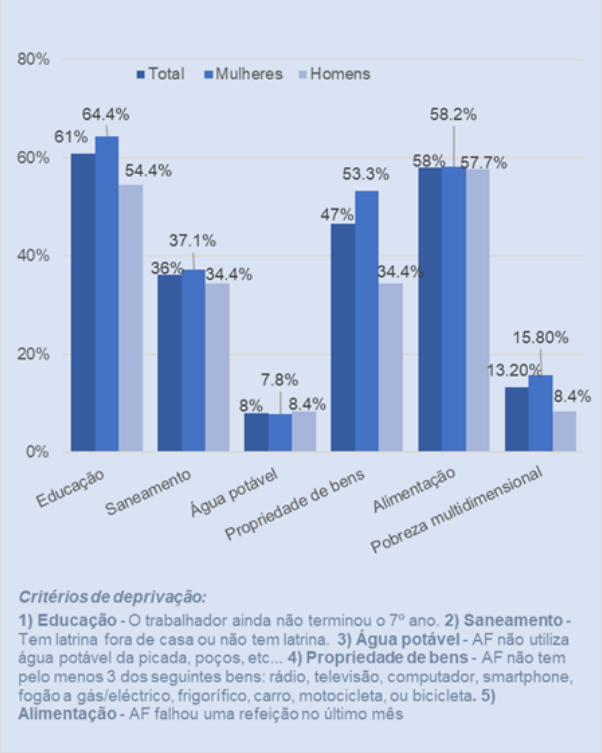
possuem uma conta bancária. Para as mulheres na amostra, estas percentagens são significativamente mais baixas: 41, 46 e 29 por cento, respectivamente.

Em geral, estes números sobre o bem-estar das famílias apontam para altos níveis de vulnerabilidade dos trabalhadores informais que participam do estudo do CISS. As estimativas de pobreza multidimensional relatados na Figura 5, são mais uma evidência disso. Estas foram obtidas seguindo em termos gerais a metodologia usada pelo Ministério de Economia e Finanças (MEF) para sua 4ª Avaliação Nacional da Pobreza de 2016,[29] que segue a abordagem de privação Alkire-Foster para medir o bem-estar multidimensional e a pobreza. Tipicamente, esta abordagem produz estimativas de pobreza multidimensional fortemente correlacionadas com medidas de pobreza baseadas na renda ou no consumo.

Para este fim, foram obtidas estimativas de privação para cinco dimensões de bem-estar: (1) nível de educação; (2) acesso a água potável; (3) acesso a saneamento melhorado; (4) ingestão de alimentos; e (5) propriedade de bens duráveis. Uma casa é considerada pobre se sofre de priva-

[29] MEF (2016) Pobreza e bem-estar em Moçambique: Quarta avaliação nacional (IOF 2014/15). Maputo.

Figura 5: Privações e pobreza multidimencional em famílias CISS



ção em pelo menos quatro dessas cinco áreas.[30] Com base nesses parâmetros, nossas estimativas indicam que 13,1 por cento da amostra sofria de pobreza multidimensional na altura do inquérito de base do CISS, em Setembro de 2020, e até 37,3 por cento sofria de pelo menos três privações. Como comparação, segundo o MEF, em 2014/15 apenas 1 por cento da população da cidade de Maputo sofria de pobreza multidimensional.

A pobreza multidimensional dos trabalhadores informais no inquérito do CISS é predominantemente feminina: 15,8 por cento das mulheres são multidimensionalmente pobres, em oposição a apenas 8,4 por cento dos homens. Esta situação é sobretudo motivada por diferenças de género, tanto na educação como na posse de bens duradouros. A maioria dos pobres tem entre 39-45 anos (27,8 por cento), seguida pela faixa etária mais jovem de 32 a 38 anos (24,1 por cento). No entanto, quando comparamos apenas as quotas de pobreza entre diferentes grupos etários, os mais velhos, com 55 ou mais anos, mostram a quota mais elevada de pobreza multidimensional no seu grupo (17,3 por cento). A maioria das pessoas consideradas como multidimensionalmente pobres apenas frequentou a escola primária (96,2 por cento), incluindo 31,7 por cento que terminaram o ensino primário.

6. O impacto socioeconómico da COVID-19 sobre a economia informal em Maputo

Tendo traçado as características dos trabalhadores informais na economia informal urbana de Maputo e as das suas famílias e agregados familiares, esta secção volta-se para a questão de como foram afectados pela pandemia - e como enfrentaram e responderam à crise. A secção investiga estas questões analisando diferentes dimensões e canais de como a crise da COVID-19 afectou este segmento da população e das suas famílias, reconhecendo que estes impactos são muitas vezes multifacetados por natureza. A adopção desta abordagem multifacetada, através da qual são examinadas várias medidas de impacto e estratégias de resposta, contribui também para a robustez das conclusões desta análise, na medida em que as conclusões globais apresentadas nesta secção são apoiadas por resultados em cada uma das diferentes áreas analisadas.

Em geral, a análise apresentada nesta secção mostra que a pandemia da COVID-19 teve um impacto muito grave nas empresas dos trabalhadores informais, nas condições de emprego e nas suas vidas, bem como nas das suas famílias, especialmente durante as fases iniciais da crise. Embora a situação enfrentada por estas pessoas se tenha estabilizado ao longo do tempo, os trabalhadores informais continuam a enfrentar uma aparência muito desafiante. Isto é particularmente preocupante num contexto em que este grupo da população já estava a experimentar importantes vulnerabilidades, como delineado na secção anterior, e em que quase não receberam qualquer forma de apoio durante toda a pandemia, pelo menos até ao momento da última vaga do estudo do CISS, em Março de 2021. Apesar do ambiente e perspectivas muito desafiantes enfrentados pelos trabalhadores informais em Maputo, eles continuam globalmente optimistas e têm-no feito ao longo das várias vagas

[30] Esta é uma medida de pobreza mais rigorosa do que a do MEF, que considera alguém como pobre se for privado em 60% das dimensões que tem em consideração.

do estudo do CISS. No entanto, este optimismo está lentamente a diminuir.

6.1. Impactos nas empresas da economia informal e no emprego informal

Os trabalhadores informais enfrentaram uma deterioração acentuada das condições de negócio e de mercado

A pandemia da COVID-19 coincidiu com uma deterioração muito acentuada do ambiente empresarial enfrentado pelos trabalhadores informais em Maputo. Este acentuado declínio foi sentido desde o início e tem continuado a afectar os operadores da economia informal em Maputo durante toda a crise, tal como foi captado nas ondas sucessórias do inquérito do CISS. Na sua maioria, esta deterioração pode ser atribuída ao declínio acentuado da actividade económica registada em Moçambique desde o início da pandemia, bem como às restrições impostas pelo governo como parte da resposta da COVID-19. No entanto, outros factores não relacionados com a pandemia também desempenharam um papel.

O inquérito de linha de base de Setembro de 2020 já capta este ambiente empresarial em rápida deterioração enfrentado pelos trabalhadores informais em Maputo. Nessa altura, até 83,6 por cento dos participantes no estudo de base do CISS relataram ter visto as suas vendas cair desde o início da pandemia. Uma percentagem semelhante de 83,4 por cento relatou ter visto o número de clientes cair, enquanto 60 por cento afirmou ter tido problemas na compra de bens ou em encontrar estes mais caros. Esta última tendência deve-se provavelmente à perturbação enfrentada pelas cadeias de abastecimento globais durante as fases iniciais da pandemia, perturbação que também afectou os canais de distribuição em Moçambique. Tem sido também uma constatação recorrente, com os trabalhadores informais a participarem no estudo do CISS colocando sistematicamente o custo dos bens como a sua principal preocupação para as quatro vagas do inquérito do CISS. Globalmente, não se podem apreciar diferenças discerníveis entre os operadores informais masculinos e femininos que participam no estudo do CISS em qualquer uma destas áreas.

Tabela 8: Mudanças nas condições do mercado

	Out. 2020	Dez. 2020	Mar. 2021
Não houve grandes mudanças	32.0%	33.0%	37.5%
Produtos/equipamento mais difícil de encontrar	15.0%	22.0%	16.4%
Produtos/equipamento mais fácil de encontrar	7.0%	9.0%	2.8%
Produtos/equipamentos mais caros	25.0%	32.0%	34.1%
Produtos/equipamentos mais baratos	4.0%	4.0%	1.6%
Há mais segurança	1.0%	7.0%	1.3%
Há menos segurança	2.0%	5.0%	0.6%
Existem mais clientes	13.0%	23.0%	6.9%
Existem menos clientes	43.0%	31.0%	35.6%
Mais problemas com as autoridades	4.0%	4.0%	2.5%
Outro	4.0%	0.0%	0.0%

Os dados recolhidos em ondas subsequentes do CISS indicam uma certa estabilização das condições de mercado enfrentadas pelos operadores informais em Maputo (ver **Tabela 8**). Assim, cerca de um terço dos trabalhadores informais que participaram nestas ondas de acompanhamento – 32 por cento na primeira vaga, 33 por cento na segunda e 38 por cento na terceira – relataram não ter sofrido alterações significativas durante o mês anterior nas condições de mercado que enfrentaram. De facto, algumas condições de mercado de serra melhoraram, relatando ter mais clientes ou encontrar bens e equipamentos mais baratos ou mais fáceis de encontrar. Contudo, na sua maioria, as condições de negócio enfrentadas pelos trabalhadores informais no estudo CISS não melhoraram, e para muitos continuaram a deteriorar-se, com a queda das vendas e bens a tornarem-se mais caros e mais difíceis de encontrar.

Para além destas condições de mercado em deterioração, os trabalhadores informais no estudo do CISS também tiveram de enfrentar restrições às actividades do sector informal colocadas pelas autoridades locais e pela polícia em Maputo. Assim, apenas no inquérito inicial de base de Setembro de 2020, até 46 por cento dos trabalhadores informais declararam ter tido de deslocalizar as suas actividades para outra parte da cidade.

As ondas subsequentes do estudo do CISS continuaram a capturar este fenómeno.

Estas deslocalizações devem-se em parte às restrições da COVID-19 às empresas introduzidas pelo governo como parte das suas medidas de distanciamento social e de financiamento, o que tem limitado quando e onde os trabalhadores informais podem operar. Contudo, coincide também com a decisão do Município de Maputo de afastar os vendedores ambulantes do distrito central e so centro comercial da cidade, "A Baixa", como parte dos seus esforços de regeneração urbana para esta parte da cidade, uma iniciativa que precede a pandemia. Para além destes casos de deslocalização, muitos trabalhadores informais que participaram no estudo do CISS, até 28,1 por cento deles, tiveram as suas mercadorias apreendidas pela polícia, deixando-os sem bens para vender e, portanto, resultando em perdas significativas.

Os operadores informais viram as horas de trabalho baixar significativamente por causa da pandemia

Este ambiente empresarial em deterioração enfrentado pelos trabalhadores informais em Maputo desde o início da pandemia teve um impacto directo na sua actividade, tal como captado em vários indicadores de desempenho monitorizados para o estudo do CISS. Este impacto tem sido sentido desde o início, sem qualquer melhoria significativa registada desde então.

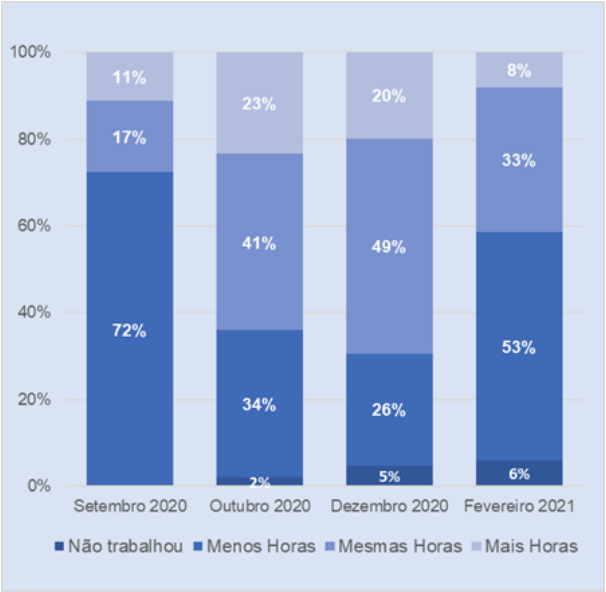
É o caso, por exemplo, do número de horas trabalhadas pelos trabalhadores informais no estudo do CISS (ver **Figura 6**). Na altura do inquérito de linha de base em Setembro de 2020, uma grande maioria destes (72,3 por cento) referiu estar a trabalhar menos horas desde o início da crise de COVID-19, enquanto apenas 16,6 por cento indicou estar a trabalhar o mesmo número de horas do que antes da pandemia, sugerindo que as condições comerciais e de trabalho para este subgrupo poderiam não ter mudado significativamente desde a pandemia. Os operadores informais com uma banca de mercado fixa foram os mais afectados em termos de redução do número de horas de trabalho: 62,3 por cento dos que relataram menos horas de trabalho eram comerciantes fixos, seguidos por 30,1 por cento de vendedores ambulantes. Esta conclusão não é surpreendente, dado que, como parte da sua resposta de COVID-19, o governo de Moçambique reduziu significativamente os horários de abertura do mercado.

Tal como com outros indicadores, o impacto da pandemia sobre as horas de trabalho na amostra estabilizou-se durante os últimos meses de 2020. Assim, a percentagem de trabalhadores informais que declaram trabalhar o mesmo número de horas que no mês anterior aumentou para 40,6 por cento em Outubro de 2020, e de novo para 49,4 por cento em Dezembro de 2020. Por outro lado, a proporção dos que declaram trabalhar menos horas, caiu para 33,8 por cento em Outubro e para 25,8 por cento em Dezembro de 2020, enquanto a proporção dos que declaram trabalhar mais horas aumentou para 23,4 por cento em Outubro e depois sofreu um pequeno decréscimo para 19,9 por cento na onda CISS de Dezembro de 2020. É importante notar, porém, que estas variações tomam como referência o mês anterior de cada uma destas duas vagas – Outubro e Dezembro – e não a situação pré-COVID-19. Portanto, devem ser interpretadas como uma melhoria apenas em relação à situação em Setembro, na altura do inquérito de linha de base, e não em relação aos tempos pré-pandémicos. De qualquer modo, estas tendências pareciam ter-se invertido na altura da terceira onda de seguimento, em Março de 2021, coincidindo com o aperto das condições de distanciamento social em Janeiro de 2021, na sequência do acentuado aumento das infecções e mortes na COVID-19 no início de 2021, com a percentagem de trabalhadores informais que declaram trabalhar menos horas a aumentar até 52,6 por cento em Março de 2021.

. . . Também estão a ganhar menos durante a pandemia

Um padrão semelhante ao observado para as horas trabalhadas pelos trabalhadores do sector informal em Maputo emerge para os ganhos declarados. Os ganhos reportados devem ser tomados com cautela em inquéritos como o CISS. Assim, os participantes neste tipo de inquéritos são frequentemente relutantes em partilhar este tipo de informação com estranhos. Eles também têm entendimentos diferentes sobre o que constitui "ganhos", enquanto que a recolha de dados pode ser problemática e carecer de exac-

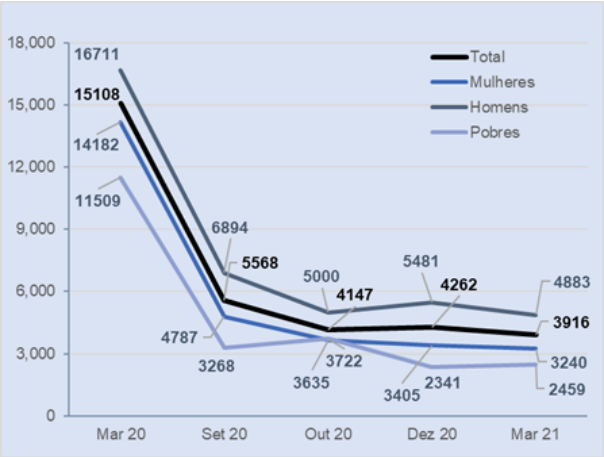
Figura 6: Impacto nas horas trabalhadas



tidão. Isto último é especialmente o caso de longos períodos de referencia na recolha de dados e para participantes de inquéritos que têm poucas probabilidades de manter contas ou registos comerciais e que participam num inquérito através de uma chamada telefónica, tais como trabalhadores informais e proprietários de empresas informais que participaram no inquérito CISS. No entanto, assumindo que os inquiridos são consistentes ao longo do tempo nas suas atitudes e opiniões, na sua compreensão de conceitos tais como ganhos e nas suas respostas às perguntas do inquérito, estes dados podem fornecer informações úteis sobre tendências.

Tal como com as horas trabalhadas, os ganhos dos trabalhadores da amostra CISS registaram uma queda muito acentuada entre Março de 2020, antes da pandemia, e o inquérito de linha de base, em Setembro de 2020. Para a amostra como um todo, os ganhos caíram 63,1 por cento, de uma média, de 15.108 meticais por mês em Março de 2020, para apenas 5.568 meticais mensais em Setembro de 2020. Esta queda foi particularmente sentida entre os participantes no inquérito que são multidimensionalmente pobres, que viram os seus ganhos caírem 71,7 por cento durante este mesmo período, bem como pelas mulheres que participaram no estudo do CISS, cujos ganhos caíram 66,2 por cento, uma queda superior à idade média da amostra.

Figura 7: Ganhos na amostra do CISS (MZM)



Como ilustrado na **Figura 7**, desde o inquérito de base até à segunda onda, em Outubro de 2020, os ganhos de idade média continuaram a cair para a amostra como um todo, embora de forma mais moderada e com os ganhos da perícia multidimensional pobre – registando um ligeiro aumento. Os ganhos médios da amostra estabilizaram na ronda seguinte do estudo CISS – embora tenham caído para o grupo dos multidimensionalmente pobres– e depois caíram novamente para a última vaga do estudo CISS, em Março de 2021. Mais uma vez, isto coincide com o aperto das restrições da COVID-19 que teve lugar no início de 2021, na sequência do pico de infecções e mortes na COVID-19 na altura.

As medidas de excedentes e poupanças das empresas também mostram um declínio acentuado

A fim de ter uma melhor noção de como a pandemia estava a afectar o excedente empresarial e as poupanças, foram recolhidos dados para o inquérito do CISS sobre Xitiques nos quais participam trabalhadores informais em Maputo.

Os Xitiques são um tipo de associação de poupança e crédito rotativo (ROSCA) muito popular entre os trabalhadores informais em Maputo. Os participantes em tais grupos, tipicamente trabalhadores informais que operam no mesmo mercado ou rua, ou no mesmo ramo de actividade, contribuem regularmente com fundos para um determinado Xitique, por exemplo, numa base diária, semanal ou mensal. Cada certo tempo, cada membro do Xitique pode re-

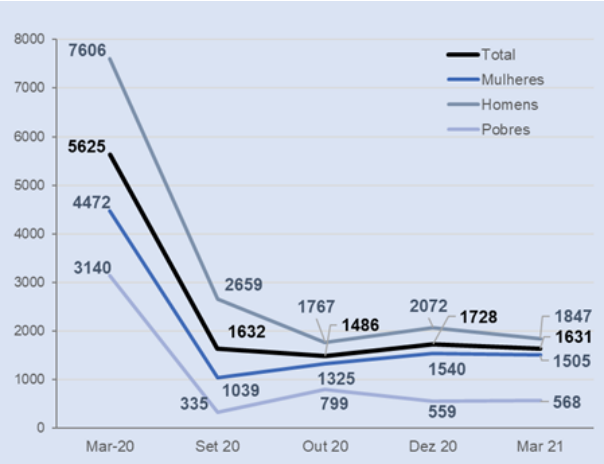
tirar o montante total reunido por todos os participantes para a Xitique. Tipicamente, as contribuições são num montante fixo. Isto faz das contribuições Xitique um indicador particularmente robusto, neste caso de poupanças ou excedentes comerciais, uma vez que é provável que os participantes no inquérito recordem com maior precisão o dinheiro que colocaram em Xitiques.

Antes da pandemia, cerca de 70 por cento (69,6) dos trabalhadores informais no estudo do CISS participaram regularmente em Xitiques. Esta percentagem era igualmente elevada em todos os grupos, incluindo aqueles que estavam desempregados na altura do nosso estudo de linha de base. Os únicos casos eram os provedores informais de serviços, para os quais esta percentagem era ainda mais elevada: 79,3 por cento. Muitos trabalhadores participaram em mais de um Xitique antes da pandemia: 20 por cento fizeram-no em dois dos Xitiques, 6,8 por cento em três e 1 por cento em até quatro Xitiques.

Antes da pandemia, os trabalhadores informais do estudo CISS contribuíram em média 5,625 meticais por mês para Xitiques. Este montante era significativamente mais elevado para os homens (7,606 meticais) do que para as mulheres (4,472 meticais) e do que para os trabalhadores informais que são multidimensionalmente pobres (3,140 meticais). Os trabalhadores usariam o dinheiro que conseguissem guardar de Xitiques para uma variedade de fins. Alguns utilizaram estes fundos para comprar equipamento ou mercadorias para os seus negócios. Outros utilizavam-nos para comprar bens duráveis para o lar, tais como frigoríficos ou fogões. Os Xitiques eram também utilizados para poupar, ou para cerimónias familiares e religiosas.

A pandemia teve um forte impacto na utilização de Xitiques por trabalhadores informais, prejudicando a sua capacidade de operar e investir nos seus negócios e adquirir conjuntos básicos de agregados familiares. Para começar, um grande número de trabalhadores informais deixou completamente de participar em Xitiques. Assim, em Setembro de 2020, apenas 30,5 por cento dos participantes no inquérito estavam a contribuir para Xitiques, contra 69,6 por cento antes da crise, permanecendo esta percentagem a estes níveis durante as ondas subsequentes do inquérito

Figura 8: Contribuições para Xitiques (MZM)



do CISS. Esta observação é muito semelhante tanto para homens como para mulheres, mas não para os pobres multidimensionais que viram o número deles a participar no Xitiques cair desde um 62 por cento antes da crise, para apenas 17,5 por cento em Setembro de 2020, com esta proporção a diminuir ainda mais nas ondas subsequentes do inquérito.

Além disso, o valor das contribuições Xitique também caiu acentuadamente, numa média de 71 por cento entre Março e Setembro de 2020, sendo esta queda particularmente intensa para os pobres multidimensionais (queda de 89,3 por cento) e para as mulheres da amostra (76,8 por cento). Desde então, a situação estabilizou-se, embora com estes valores a permanecerem bem abaixo dos níveis pré-COVID-19. Assim, entre Setembro e Outubro de 2020, a média das contribuições Xitique continuou a diminuir, embora a um ritmo mais lento e com a média das contribuições Xitique a aumentar, tanto para as mulheres como para os trabalhadores informais que são multi-mensalmente pobres. Houve também uma ligeira recuperação nas contribuições Xitique no final do ano, em Dezembro de 2020, mas estas contribuições diminuíram novamente entre Dezembro de 2020 e Março de 2021, sendo este o caso de todos os grupos em consideração: homens, mulheres e pobres multidimensionais, seguindo um padrão semelhante ao observado para o caso dos ganhos e das horas trabalhadas na amostra (ver **Figura 8**).

As empresas e os trabalhadores informais adaptaram-se à crise de várias maneiras

Os negócios e os trabalhadores informais estão a responder e a adaptar-se a esta situação desafiadora e em deterioração de várias formas (ver **Tabela 9**). Dentro dos seus negócios, muitos decidiram reduzir as compras de mercadorias para responder à queda do número de clientes e à queda da procura. Esta estratégia tem sido adoptada de forma consistente, ao longo da pandemia, por cerca de 40 por cento dos trabalhadores informais no estudo do CISS, tal como captou as várias ondas do inquérito do CISS. Outros trabalhadores optaram por vender diferentes tipos de produtos, e em alguns casos até aumentaram as suas compras de mercadorias - embora a lógica subjacente a esta última estratégia não tenha sido explicitada por estes operadores informais.

Muitos trabalhadores do sector informal de Maputo deram um passo em frente e mudaram de negócio, por exemplo, deixando de ter uma banca fixa no mercado local para vender mercadorias nas ruas de Maputo. Este tem sido uma característica recorrente ao longo da crise, com a percentagem de trabalhadores na amostra do CISS a reportarem a mudança de actividade durante o mês anterior oscilando em torno de 10-20 por cento: 19 por cento em Outubro de 2020, 12,8 por cento em Dezembro de 2020 e 15,8 por cento em Março de 2021. Um dos grupos para os quais este fenómeno tem sido mais proeminente é o dos trabalhadores informais com bancas de mercado fixas, que viram o seu número cair de 244 no inquérito de base de Setembro de 2020 para apenas 203 na altura da terceira vaga do estudo CISS de Março de 2021, o equivalente a uma queda de 16,8 por cento.

Quando questionados sobre as razões para mudar de actividade, a maioria dos trabalhadores informais apresentam razões comerciais ou de subsistência, tais como a necessidade de ganhar mais dinheiro para fazer face às despesas (25,3 por cento na onda CISS de Março de 2021), a queda nas vendas (19 por cento), ter menos clientes (5,1 por cento), ou os custos mais elevados da mercadoria que vendem (11,4 por cento), entre outras razões. Existe, contudo, um pequeno, mas não insignificante número de trabalhadores informais que mudaram de negócio e que avançaram outros motivos. Isto inclui o facto de terem sido obrigados a deslocalizar-se do seu espaço de trabalho habitual (3,8 por cento), o facto de terem tido a sua mercadoria apreendida pela polícia ou autoridades locais (3,8 por cento) ou a falta de segurança (2,5 por cento).

Tabela 9: Alterações feitas ao negócio

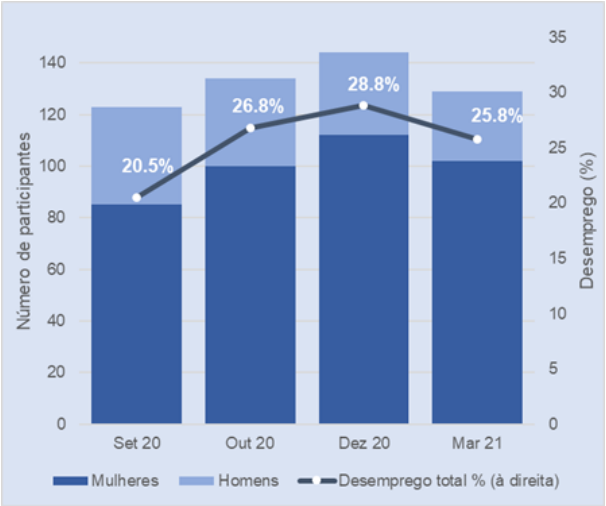
	Set. 2020	Out. 2020	Dez. 2020	Mar. 2021
Comprou menos mercadoria	64.2%	38.8%	40.1%	38.4%
Comprou mais mercadoria	-	11.7%	16.4%	6.6%
Mudança de local de trabalho	43.4%	5.5%	6.3%	2.3%
Trocou produtos comprados ou vendidos	21.0%	4.3%	5.5%	4.0%
Outras mudanças	6.5%	2.1%	5.5%	2.5%
Nenhuma alteração	22.4%	46.0%	35.9%	49.2%

Muitos trabalhadores do sector informal cessaram completamente o seu trabalho

Uma parte muito significativa dos trabalhadores informais que "mudaram" de trabalho de facto ficaram desempregados ou deixaram de trabalhar e de procurar trabalho, no conjunto. Esta é talvez uma das conclusões mais marcantes dos inquéritos do CISS, considerando que estes trabalhadores não têm acesso ao seguro de desemprego e que muitos vivem em ambientes familiares já altamente vulneráveis. O desemprego dos participantes no estudo do CISS oscilou em torno dos 20-30 por cento ao longo dos vários inquéritos do CISS. Durante este período, o desemprego na amostra do CISS passou de 20,5 por cento em Setembro de 2020 para 26,7 por cento na vaga de Outubro de 2020, aumentando novamente para 28,8 por cento em Dezembro de 2020, e depois baixando ligeiramente para 25,8 por cento em Março de 2021 (ver **Figura 9**).

O desemprego na economia informal em Maputo é um fenómeno recente. Assim, a maioria dos desempregados no estudo do CISS, até 80 por cento, reintegraram o seu emprego nos meses imediatamente a seguir ao início da pan-

Figura 9: Desemprego na amostra do CISS



demia. Muito poucos deles estavam desempregados antes disso. É também em grande parte um fenómeno feminino, com as mulheres a representarem 80 por cento dos trabalhadores informais desempregados na terceira vaga do CISS de Março de 2021, uma percentagem significativamente superior à proporção de mulheres na amostra do CISS: 64 por cento.

Dados detalhados sobre o desemprego recolhidos para o inquérito de base indicam que 70 por cento destas pessoas eram trabalhadores informais que operavam numa banca de mercado fixa antes de ficarem desempregados, enquanto que 24 por cento eram vendedores ambulantes. O desemprego afecta particularmente os trabalhadores informais que vendem roupa e calçado em segunda mão (46 por cento do total), bem como os trabalhadores informais que costumavam operar no bairro central de "A Baixa". Muitos destes são trabalhadores que foram deslocados para fora desta área pelas autoridades locais, como parte dos esforços de regeneração urbana do município para esta parte de Maputo. Estes trabalhadores foram deslocados para a nova zona de mercado de Laulane, na periferia norte da cidade. No entanto, na altura destas deslocalizações, o mercado de Laulane não possuía as condições mínimas de infra-estruturas básicas (acesso aos transportes, casas de banho, espaço de armazenamento) requeridas pelo próprio município para que este mercado pudesse ser aberto ao público, deixando estes trabalhadores informais sem qualquer lugar para operar.

Uma análise mais profunda realizada para a segunda vaga de seguimento do inquérito CISS em Outubro de 2020 feita para compreender melhor as condições dos desempregados revelou que, embora não pudessem trabalhar no seu ramo de actividade habitual, alguns destes trabalhadores estavam de facto envolvidos noutras actividades que poderiam ser qualificadas como estando a trabalhar. Estes trabalhadores representavam cerca de 35 por cento dos que afirmam estar desempregados. Enquanto alguns deles faziam trabalhos estranhos, ou biscates, para ganhar algum dinheiro, a maioria destes trabalhadores informais tinha decidido ficar em casa, passando o seu tempo a arranjar as suas casas, a cuidar das parcelas familiares (machambas), ou a cuidar de membros da família, tipicamente crianças que não podiam ir às aulas devido ao encerramento de escolas decretado como parte das restrições da COVID-19 do governo.

Quando lhes perguntaram porque não podiam voltar a fazer o seu trabalho habitual na economia informal de Maputo, a maioria destes trabalhadores informais afirmou não ter dinheiro suficiente para comprar produtos para vender, com 71,6 por cento dos trabalhadores desempregados a citarem este facto como um factor importante. Da mesma forma, mais 10 por cento mencionaram o elevado custo da compra de produtos para vender. Muitos, contudo, cerca de 30 por cento, citaram o facto de terem sido forçados a deslocalizar-se, sem que lhes fosse oferecido um local alternativo para operar, ou de terem tido os seus produtos apreendidos pelas autoridades locais, deixando-os sem nada para vender, razão referida por 11,9 por cento destes trabalhadores.

Alguns trabalhadores informais têm-se saído bastante bem durante a pandemia

Apesar do desafiante ambiente sócioeconómico enfrentado pela economia informal em Moçambique durante a crise da COVID-19 e do impacto negativo que a pandemia, no seu conjunto, teve nos meios de subsistência dos trabalhadores informais, alguns deles têm-se saído relativamente bem durante a pandemia.

No geral, o número de trabalhadores informais na amostra CISS que reportaram um crescimento positivo nos ganhos foi muito pequeno para o inquérito de base de Setembro, apenas

Tabela 10: Trabalhadores que fizeram melhor

	Set. 2020	Out. 2020	Dez. 2020	Mar. 2021
N.º de trabalhadores que aumentaram os seus rendimentos	26	99	94	106
% do total	5.8%	28.7%	28.8%	31.4%
% para homens	8.2%	36.2%	35.1%	35.8%
% para mulheres	4.5%	24.9%	25.6%	28.9%
% para pobres	6.7%	21.3%	20.0%	25.0%
Crescimento médio dos lucros	108%	188%	400%	128%
Crescimento mediano dos lucros	29.2%	100%	50.0%	45.0%

26, representando 5,8 por cento dos trabalhadores para os quais foram recolhidos dados sobre os ganhos durante essa onda de linha de base. Isto é um sinal da magnitude do impacto que a crise da COVID-19 teve na economia informal durante os meses iniciais de pandemia. No entanto, estes números têm aumentado ao longo do tempo: 99 trabalhadores informais reportaram ganhos crescentes na onda de Outubro de 2020, 94 na onda de Dezembro de 2020 e 106 no inquérito final de acompanhamento realizado em Março de 2021 (ver **Tabela 10**). É importante notar que não todos os trabalhadores se saíram bem durante toda a pandemia. De facto, apenas 18 reportaram ganhos crescentes para as quatro ondas do estudo do CISS.

Os homens parecem ter-se saído melhor desde o ponto de vista desta métrica, embora a percentagem de mulheres e trabalhadores informais pobres que relataram um crescimento positivo dos rendimentos ao longo do estudo do CISS ainda fosse significativa. O crescimento médio e médio dos ganhos deste grupo de trabalhadores também foi significativo; ou seja, os poucos que se saíram bem em termos de crescimento dos ganhos de uma onda para a outra, saíram-se significativamente bem.

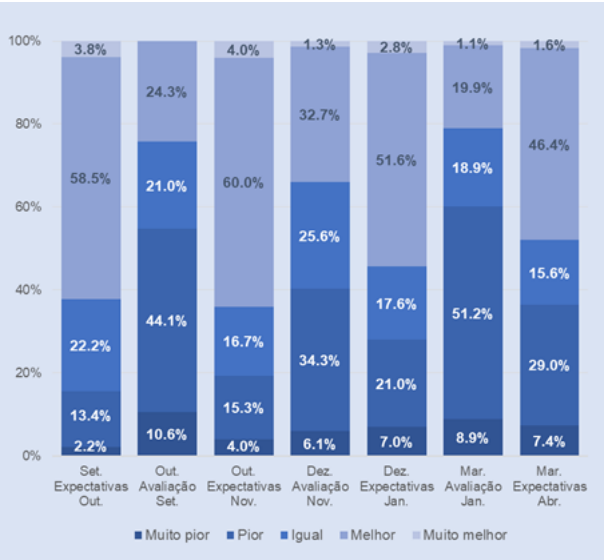
Os trabalhadores informais que apresentam rendimentos crescentes entre as ondas tendem a ser um pouco mais jovens, mais educados, menos desfavorecidos e a viver em casas com mais rendimentos do que os restantes. Mas estas diferenças não são grandes, e, em muitos casos, não são estatisticamente significativas.

Apesar das perspectivas muito difíceis que enfrentam, os trabalhadores informais continuam globalmente optimistas

Apesar das dificuldades que os trabalhadores informais em Maputo têm enfrentado desde o início da COVID-19, eles têm permanecido no geral optimistas sobre a sua situação. Este tem sido o caso mesmo reconhecendo, onda após onda, que estas expectativas positivas não têm sido consistentemente satisfeitas ao longo do tempo. No entanto, ao longo do tempo, o seu optimismo tem diminuído.

Assim, em Setembro de 2020, 62,3 por cento dos trabalhadores informais consideraram que as coisas seriam melhores ou muito melhores durante o mês seguinte, apesar de terem sofrido uma queda nos ganhos de até 63,1 por cento desde o início da COVID-19 e com o país a entrar em alguns dos momentos mais difíceis da pandemia. Um mês mais tarde, em Outubro de 2020, a percentagem de trabalhadores informais que se sentiram da mesma forma positiva aumentou ligeiramente para 64 por cento, embora 54,7 por cento deles pensassem que Setembro de 2020 tinha sido pior do que o esperado, e um acréscimo de 21 por cento sentiram que as coisas não tinham mudado durante o último mês. A percentagem dos que permaneceram optimistas em Dezembro de 2020 continuou a ser elevada, embora numa proporção significativamente

Figura 10: Expectativas versus avaliações



inferior de 53,4 por cento. A onda CISS de Março de 2021 parece confirmar esta tendência lenta, mas decrescente dos níveis de optimismo, com a proporção de trabalhadores informais a considerar que as coisas seriam melhores ou muito melhores durante o mês seguinte a cair para um nível baixo, mas ainda significativo, de 48 por cento. (ver **Figura 10**).

6.2. Impactos nas famílias dos trabalhadores informais

O impacto da crise socioeconómica da COVID-19 nos trabalhadores informais em Maputo também foi sem dúvida sentido nas suas casas e famílias. Em algumas áreas, isto levou a resultados e dinâmicas preocupantes. Noutras, as famílias conseguiram até agora resistir aos piores efeitos da crise socioeconómica da COVID-19. Esta secção apresenta as principais conclusões, neste sentido.

Muitas famílias estão a achar difícil satisfazer as necessidades alimentares e nutricionais básicas

Talvez um dos resultados mais preocupantes do estudo do CISS seja o impacto que a crise socioeconómica da COVID-19 teve na capacidade dos trabalhadores informais de trazer comida suficiente para casa, com muitos trabalhadores informais e as suas famílias terem que reduzir o seu consumo alimentar e também o número de refeições diárias que tomam. Embora a percentagem dessas famílias que atravessam esta situação tenha diminuído ao longo do tempo, esta continua a ser elevada na altura da última onda do inquérito CISS.

Como indicado na **Tabela 11**, na altura do inquérito de base, em Setembro de 2020, quase três quartos (72,5 por cento) dos participantes no estudo do CISS declararam ter comido menos do que o habitual durante o mês passado devido à falta de dinheiro. Destes, quase quatro em cada cinco (78,6 por cento) indicaram ter pelo menos faltado a uma refeição durante este mesmo período. Estas duas quotas têm vindo a descer desde então, no entanto, para a vaga de Março de 2021 do estudo do CISS, aqueles que comeram menos do que deviam, devido à falta de dinheiro ainda se encontravam a um nível significativo de 65,4 por cento. Destes, 60,9 por cento tinham falhado pelo menos uma refeição durante o mês passado. O stress nutricional é particularmente elevado entre os trabalhadores informais em Maputo considerados multidimensionalmente pobres, com mais de 80 por cento destes a terem de cortar nos alimentos e nas refeições em falta para os quatro CISS.

Tabela 11: Tendências nutricionais na amostra CISS

	Set. 2020	Out. 2020	Dez. 2020	Mar. 2021
% que comeu menos do que o habitual	72.5%	71.1%	67.2%	65.4%
% que falhou refeições (entre aqueles que comeram menos)	80.0%	80.9%	79.5%	60.9%

A fim de obter maiores conhecimentos sobre a dinâmica nutricional das famílias de trabalhadores informais, foi solicitada informação adicional sobre este tópico na onda CISS de Março de 2021. A informação recolhida sugere que as famílias estão a enfrentar um considerável stress nutricional. Assim, dos inquiridos que afirmam ter falhado pelo menos uma refeição em Fevereiro, 14,6 por cento tinham feito apenas mais de 20 vezes durante esse mês, 16,1 por cento oito a 10 vezes e 38,7 por cento, 4 a sete vezes. Esta situação não afetava apenas os trabalhadores informais ou outros adultos da família: 92,7 por cento dos trabalhadores informais que declararam ter de comer menos em Fevereiro indicaram que os cortes nos alimentos afectavam também as crianças do agregado familiar. Além disso, as famílias do sector informal em Maputo não estavam apenas a ser obrigadas a cortar nos alimentos. Até 16,8 por cento também relatou não ter água suficiente durante o mês de Fevereiro para satisfazer as necessidades básicas de água dos lares.

É importante notar que o stress nutricional na amostra do CISS é algo relativamente recente e coincide muito de perto com a COVID-19. Assim, o número de refeições perdidas pelos trabalhadores informais no CISS compreendia uma média de 1,4 refeições em Março de 2020, pouco antes da pandemia atingir Moçambique, tal como relatado pelos participantes no inqué-

rito, em comparação com uma média de 8,4 refeições perdidas em Março de 2021. De facto, quase 80 por cento das pessoas que falharam uma refeição no mês anterior à onda CISS de Março de 2021 não tinham experimentado qualquer tipo de stress nutricional um ano antes.

Os agregados familiares estão a ser forçados a vender bens domésticos e a falhar pagamentos chaves

Para além do corte nas refeições, os trabalhadores informais e as suas famílias também venderam bens domésticos para gerar dinheiro. A venda de bens tem sido uma característica recorrente nos inquéritos do CISS, tendo atingido um máximo em Setembro de 2021, quando 21,3 por cento da amostra do CISS relatou ter tentado vender bens domésticos durante o mês passado. Esta quota caiu significativamente durante as ondas subsequentes do inquérito CISS, para entre 8 e 11 por cento (ver **Tabela 12**). Globalmente, 32,2 por cento dos participantes no estudo do CISS tinham tido em algum momento desde o início da pandemia de vender bens domésticos para gerar rendimentos adicionais. De um modo geral, os homens da amostra dedicam-se mais a este tipo de estratégia de sobrevivência do que as mulheres, mas isto poderia simplesmente reflectir o facto de que a propriedade de bens duradouros e outros bens domésticos nos agregados familiares é distorcida e tende a recair sobre os homens em Moçambique.[31]

As famílias não se dedicaram apenas à venda de bens duradouros como forma de lidar com os choques negativos de rendimento provocados pela pandemia. Também falharam pagamentos importantes, tais como pagamento dos alugueres dos seus locais de residência . Assim, dos cerca de um quinto dos trabalhadores informais em Maputo que participam no estudo do CISS que vivem em habitações arrendadas, um considerável 43,5 por cento tinha falhado o pagamento do aluguer em Outubro de 2020, a primeira vez que esta questão foi levantada nos inquéritos do CISS. Esta percentagem aumentou desde então, atingindo 53,7 por cento em Março de 2021.

[31] Os dados do Censo Nacional de Moçambique de 2017 ajudam a ilustrar isto. Assim, nesse ano, até 30,8% dos homens possuíam um telemóvel e 12,2% tinham uma conta bancária. Para as mulheres, estas percentagens eram de 22,4 e 6,6 por cento, respectivamente.

Tabela 12: Percentagem de participantes que tentaram vender bens

	Set. 2020	Out. 2020	Dez. 2020	Mar. 2021
Em geral	21.3%	8.6%	11.4%	8.0%
Mulheres	14.3%	5.0%	5.8%	3.4%
Homens	34.0%	15.2%	21.8%	16.3%
Pobres	27.9%	11.1%	13.9%	12.9%

Famílias e trabalhadores têm recorrido à poupança e ao crédito para mitigar o impacto da crise

Com a desaceleração dos negócios e a queda das vendas e dos ganhos, muitos trabalhadores informais tiveram de pedir dinheiro emprestado ou utilizar as suas poupanças para fazer face às despesas em casa e nos seus negócios. A este respeito, os números dos participantes nas várias vagas do estudo do CISS mostram padrões preocupantes.

Assim, em Setembro de 2020, quase metade dos trabalhadores informais da amostra (44,4 por cento) declararam ter esgotado todas as suas poupanças desde o início da pandemia. Outros 41 por cento nem sequer tiveram qualquer poupança para começar, enquanto apenas 5 por cento declararam não ter utilizado as suas poupanças. Isto aponta para uma situação de tensão financeira generalizada entre os trabalhadores informais em Maputo e as suas famílias.

Por grupos, foram os mais vulneráveis ou mais afectados pelo impacto socioeconómico da pandémica, incluindo os desempregados e os vendedores das ruas, que recorreram em maior medida à utilização das suas poupanças. É provável que isto tenha exacerbado a sua vulnerabilidade, uma vez que sem poupanças têm mais dificuldade em investir ou comprar mercadorias para venda e, portanto, em sustentar a sua subsistência.

Por outro lado, parece ter havido um aumento de empréstimos entre os trabalhadores informais em Maputo, especialmente durante as fases iniciais da crise, tendo os participantes no estudo do CISS afirmado no estudo de base de Setembro de 2020 que tiveram de pedir dinheiro empres-

Tabela 13: Percentagem de participantes CISS que pediram empréstimo

	Set 2020	Out. 2020	Dez. 2020	Mar. 2021
Em geral	31.5%	16.6%	20.2%	20.8%
Mulheres	29.6%	18.0%	19.0%	19.6%
Homens	34.9%	14.0%	22.4%	23.0%
Pobres	27.9%	15.9%	16.9%	17.7%

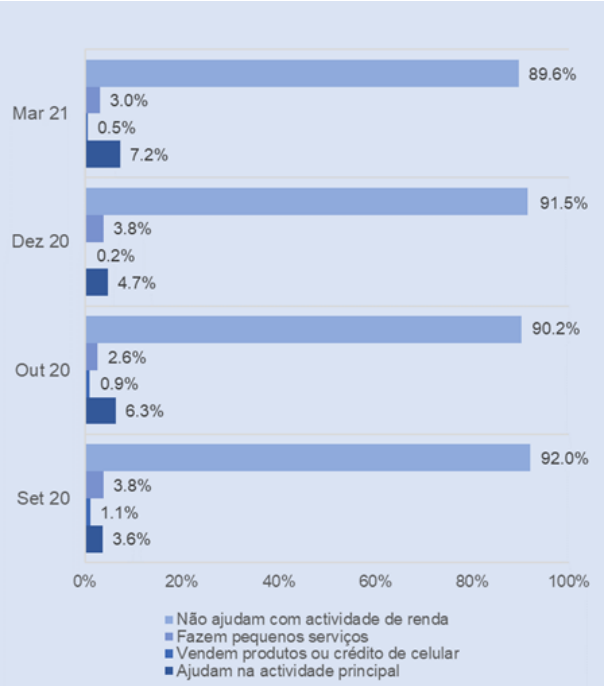
tado coincidindo com o impacto da pandemia que atingiu 31,5 por cento. Esta percentagem diminuiu desde então, embora permanecendo a um nível considerado de 17 a 21 por cento da amostra em ondas subsequentes do estudo do CISS (ver **Tabela 13**).

Cerca de dois terços desses trabalhadores informais que pediram dinheiro emprestado recorreram à família, amigos e familiares, e apenas cerca de 20 por cento beneficiaram de apoio bancário ou e microfinanças. Estes empréstimos foram maior-itariamente para adquirir mercadorias para vender no mercado, embora uma parte não insignificante tenha sido dedicada à compra de alimentos e outros bens básicos para os agregados familiares dos trabalhadores informais, por exemplo, 20 por cento no inquérito do CISS de Março de 2021.

As famílias têm, na sua maioria, mantido as crianças afastadas do trabalho

Numa nota positiva, uma das principais preocupações no início da pandemia – que o impacto da crise socioeconómica da COVID-19 levasse a um aumento do trabalho infantil – não se materializou entre os trabalhadores informais e as suas famílias, pelo menos não de forma significativa entre os que participam no estudo do CISS. Assim, quando perguntados se as famílias tiveram de colocar os seus filhos para ajudar nos seus negócios durante o mês passado, cerca de 90 por cento dos inquiridos ao longo das quatro vagas do inquérito CISS indicaram que tal não tinha sido o caso (ver **Figura 11**).

Figura 11: O apoio às crianças em actividades de rendimento



Os trabalhadores informais e as suas famílias têm recebido apoio limitado

Apesar do ambiente e perspectivas muito difíceis que os trabalhadores informais em Maputo têm enfrentado desde o início da pandemia, o apoio que têm recebido tem sido muito limitado – e tem permanecido assim ao longo das várias vagas do inquérito do CISS. Este não é apenas o caso das várias iniciativas estabelecidas pelo governo para apoiar as empresas e as famílias vulneráveis como parte da sua resposta à crise da COVID-19, por exemplo através da expansão de programas de acção social, a introdução de benefícios e incentivos fiscais, ou o estabelecimento de linhas de crédito subsidiadas, como descrito na Secção 3 deste relatório. É igualmente verdade para outras potenciais fontes de ajuda, tais como as provenientes de ONG nacionais e internacionais ou instituições de caridade.

Neste sentido, uma grande maioria dos trabalhadores informais em Maputo que participaram no estudo do CISS relatou consistentemente não receber qualquer tipo de apoio ou ajuda: mais de 90 por cento em todas as quatro vagas do inquérito do CISS. Qualquer que seja o apoio recebido pelos trabalhadores informais, ele provém principalmente de familiares (ver **Tabela 14** para detalhes).

Tabela 14: Ajuda aos participantes do CISS

	Set. 2020	Out. 2020	Dez. 2020	Mar. 2021
Não recebeu assistência	94.5%	96.4%	93.8%	94.8%
Família	3.0%	3.0%	5.0%	3.8%
Governo	1.2%	0.0%	0.0%	0.4%
Associação Comercial	0.5%	0.0%	0.0%	0.0%
Igreja	0.5%	0.6%	0.4%	0.2%
Amigos ou Vizinhos	0.5%	0.4%	0.8%	1.0%

6.3. Análise dos factores de impacto e das estratégias de resposta no estudo do CISS

Tendo analisado como a crise socioeconómica da COVID-19 afectou os trabalhadores informais e as suas famílias, esta secção reúne os principais elementos examinados nas secções anteriores para explorar, de forma multivariável, como diferentes factores estão associados aos principais resultados da crise da COVID-19, tal como foram identificados no presente estudo. Esta abordagem multivariável permite ter em consideração a inter-relação entre diferentes variáveis explicativas e encontrar associações estatisticamente significativas entre estas variáveis explicativas e variáveis de resultados específicos de interesse.

Para tal, esta secção apresenta os resultados de uma análise de regressão logística conjunta, "pooled Logit", que procura identificar factores associados a cinco variáveis dicotómicas dependentes, capturando alguns dos principais resultados da análise apresentada nas secções anteriores: (1) se os trabalhadores informais estão desempregados ou não; (2) se participam em Xitiques; (3) se contraíram empréstimos durante a crise; (4) se as suas famílias tiveram de cortar nos alimentos; e (5) se tiveram de vender bens domésticos. Utiliza uma abordagem de regressão "pooled logit" para utilizar o conjunto completo de dados recolhidos nas várias vagas do estudo do CISS e examinar estas questões.

A análise considera como possíveis preditores ou variáveis explicativas as características chave individuais, domésticas, empresariais e de emprego, analisadas ao longo deste relatório. Estas incluem o sexo, idade e nível de educação dos participantes no estudo do CISS. A dimensão e os níveis de privação que enfrentam. O número de pessoas que trazem rendimento nas suas famílias. O tipo de actividade em que se dedicam. O número de anos em que trabalham ou gerem empresas na economia informal. A sua situação laboral, a localização em Maputo em que operam e se participam ou não em Xitiques.

As secções seguintes apresentam os principais resultados para cada uma destas variáveis dependentes analisadas. A **Tabela 15** abaixo apresenta resultados detalhados para estas regressões logísticas "Pooled Logit", bem como a lista completa de variáveis explicativas consideradas para esta análise.

Desemprego

Como discutido na Secção 6.1., um dos principais impactos da crise da COVID-19 na economia informal em Maputo tem sido em termos de desemprego dos trabalhadores informais. Os resultados apresentados na **Tabela 15 (coluna 1)** indicam que vários dos factores ou características em consideração neste relatório estão estatisticamente associados ao desemprego na amostra, na medida em que a apresentação de qualquer uma destas características aumenta as probabilidades de ficar desempregado.

Alguns destes factores apresentam uma associação positiva, o que significa que a sua ocorrência aumenta as hipóteses de ficarem desempregados. Para os outros, é uma associação negativa. Entre as primeiras estão, ser uma trabalhadora informal, a sua localização em algum momento ao longo do estudo do CISS no "Bairro Central", o distrito central de Maputo. Neste último caso, esta associação positiva com estar desempregado está ligada ao facto de muitos destes trabalhadores informais terem sido deslocados do centro de Maputo, sem que as autoridades locais ofereçam locais alternativos para operar. A hipótese de estar desempregado também aumenta com o número de privações enfrentadas pelas famílias no sector informal. Para além destes três factores, ter educação técnica e tendo operado ou trabalhado no sector formal durante menos de três anos estão também positivamente associados a ficar desempregado, embora neste último

caso, o nível de significância estatística seja algo pequeno.

Por outro lado, factores negativamente associados com estar desemprego, para os quais a sua ocorrência ou magnitude diminui as hipóteses de ficar desempregado, incluem o número de membros que auferem um rendimento no agregado familiar. Por outras palavras, quanto maior for o número de membros do agregado familiar que auferem rendimentos, menor é a probabilidade de um trabalhador em situação formal ficar desempregado. Isto poderia talvez ser explicado como o resultado de "efeitos de trabalho em rede", através dos quais os trabalhadores informais são capazes de aceder a negócios familiares e redes de trabalho para permanecerem trabalhadores. Inclui também a participação numa xitique. A explicação provável por detrás desta associação negativa é que, se as pessoas estão a participar num xitique, é porque ainda estão a ganhar um rendimento ou têm dinheiro poupado que não precisam e, portanto, podem colocar num esquema de poupança rotativo, o que significa que é pouco provável que estejam desempregados.

Finalmente, o coeficiente positivo e estatisticamente significativo para as variáveis da Onda 1 e da Onda 2 apresentadas na Tabela 15 confirmaria que o desemprego, em média, registou uma tendência ascendente de Setembro a Dezembro de 2020, que foi quando estas ondas de inquérito CISS foram implementadas. A falta de significância estatística para o coeficiente da Onda 3 indicaria que não houve alteração nas tendências do desemprego no inquérito de Março, em relação ao inquérito de base.

Em geral, os resultados acima referidos sublinham o facto de que são os mais vulneráveis que estão mais expostos aos fenómenos de desemprego detectados no sector informal de Maputo durante a pandemia da COVID-19. São as mulheres, os agregados familiares desfavorecidos e multidimensionalmente pobres e as famílias com menos rendimentos que mais gostam de ficar desempregadas durante a COVID-19.

Participação no Xitiques

Como indicado em secções anteriores, os Xitiques são uma forma popular de poupança rotativa entre os trabalhadores informais em Maputo e são amplamente utilizados para gerir lucros, poupanças e necessidades de investimento. Tal como na análise do desemprego, a análise de regressão "pooled Logit" da participação em Xitiques produz associações estatisticamente significativas em ambos os sentidos, tanto positivas como negativas, no sentido de diminuir ou aumento a probabilidade dos trabalhadores informais que participarem em Xitiques durante a pandemia (ver **Tabela 15, coluna 2)**.

Os factores com uma associação estatisticamente positiva com a participação em Xitiques incluem ter um maior número de membros no agregado familiar a trazer rendimento, gerir um negócio informal durante mais de 5 anos, em vez de um ano ou menos, e operar o seu negócio informal no Distrito Central de Maputo.

A primeira destas associações é evidente por si mesma: quanto mais pessoas com rendimentos vivem num agregado familiar, mais poupanças ou excedentes de dinheiro são susceptíveis de gerar e, portanto, mais provável é que estes agregados familiares continuem a colocar parte destas poupanças num Xitique.

A segunda destas associações é talvez o resultado de que as empresas mais antigas são susceptíveis de estar mais estabelecidas no ramo de actividade em que operam e, por conseguinte, talvez tenham um melhor desempenho e sejam mais capazes de resistir a choques empresariais como o causado pela COVID-19.

No que respeita à terceira associação, vale a pena notar que o facto de os trabalhadores informais no Distrito Central de Maputo terem maiores probabilidades de participar num Xitique não está em desacordo com o facto de este grupo particular de trabalhadores informais ter mais probabilidades de ficar desempregado. Por conseguinte, nem todos os trabalhadores informais no Distrito Central têm ficado desempregados, e talvez aqueles que continuam a trabalhar estejam a fazer o suficiente bem nos seus negócios como para continuar a participar em Xitiques.

Os factores negativamente associados à participação num Xitique incluem a idade dos trabalhadores informais, o número de privações en-

frentadas pelos agregados familiares da amostra, bem como o facto de estarem desempregados. Por outras palavras, quanto mais velho for um trabalhador informal e quanto mais desfavorecido for o seu agregado familiar, menores serão as probabilidades de participar numa Xitique. O mesmo acontece com os desempregados. Estes resultados fazem sentido, tendo em conta que a participação num Xitique pode ser tomada como um substituto de estar relativamente bem.

Finalmente, os coeficientes negativos e estatisticamente significativos encontrados para os indicadores que reflectem cada um dos três inquéritos de acompanhamento CISS (Onda 1, 2 e 3) confirmam que a participação Xitique tem seguido uma tendência descendente ao longo de toda a pandemia. Ou seja, a situação tem vindo a piorar consistentemente ao longo do tempo nesta métrica de desempenho particular.

No seu conjunto, estas conclusões apontam para o facto de que são as famílias mais vulneráveis – famílias desfavorecidas com menos rendimentos ou desempregados – que têm sido mais afectadas pelo impacto da pandemia e menos capazes de continuar a participar em xitiques que, no contexto da economia informal moçambicana, é um mecanismo chave de poupança, investimento e gestão de tesouraria.

Aumentos nos ganhos

Como indicado na secção 6.1., apesar do grande impacto negativo que a COVID-19 tem tido na economia informal de Maputo, alguns trabalhadores informais conseguiram sair relativamente bem da crise, reportando ter visto os seus ganhos aumentar em algum momento desde o início da pandemia. A **Tabela 15, coluna 3**, apresenta os resultados da regressão logística "Pooled Logit" da probabilidade de reportar um crescimento dos ganhos em algum momento durante as várias ondas do estudo do CISS, analise que procura identificar as características dos participantes associadas a este resultado.

Como se pode ver pelos resultados apresentados nesta tabela, várias variáveis apresentam coeficientes de significância estatística: ser mulher (negativo), ter educação secundária ou técnica (negativa), o número de membros a trazer renda para o agregado familiar (positivo), ter trabalhado no distrito central de Maputo (positivo), mais as três variáveis de tendência: Onda 1, Onda 2 e Onda 3 (positivas).

Estes resultados podem ser interpretados como indicando que, outras coisas iguais, o aumento dos rendimentos está associado a ser homem, não ter educação secundária ou técnica, viver numa família com maior número de rendimentos e não ter trabalhado no centro de Maputo. Pelo contrário, pode dizer-se que as mulheres, as que trabalharam no distrito central de Maputo ou as que vivem em agregados familiares mais vulneráveis têm menos probabilidades de reportar aumentos nos rendimentos. Mais uma vez, isto aponta para o facto de que as pessoas mais vulneráveis são as que pior desempenho mostram nesta métrica. Finalmente, os coeficientes positivos sobre as variáveis de tendência simples indicam que o número de trabalhadores que relatam aumentos nos rendimentos aumentou ao longo do tempo.

Empréstimo

Como discutido na secção 6.2, muitos trabalhadores informais que participaram no inquérito CISS tiveram de pedir dinheiro emprestado para lidar com a perda de lucros e rendimentos durante a pandemia da COVID-19. Os resultados da regressão logística "pooled Logit" no comportamento de empréstimo apresentados na **Tabela 15 (coluna 4)**, que incluem principalmente as mesmas variáveis que para a analise de desemprego e Xitiques, presenta quem tem mais probabilidade de pedir emprestado na amostra.

As únicas variáveis estatisticamente significativas associadas a solicitação de empréstimo são a idade dos inquiridos e eles estarem desempregados. A idade tem um impacto negativo sobre a probabilidade de contrair empréstimos. Por outras palavras, os trabalhadores mais velhos são menos propensos a pedir empréstimos. O desemprego também influencia negativamente a probabilidade de pedir dinheiro emprestado. A razão por detrás disto pode ser que, sem qualquer rendimento, os trabalhadores informais desempregados não se podem dar ao luxo de pedir emprestado ou, simplesmente, não conseguem encontrar um emprestador ou uma instituição financeira disposta a conceder-lhes um empréstimo.

As três variáveis de tendência que capturam cada uma das três ondas de seguimento feitas após o inquérito de linha de base em Setembro de 2020 são também estatisticamente significativas, com as três apresentando um coeficiente negativo. Isto indica que a solicitação de empréstimos têm sido consistentemente menos frequente a medida que avançava a pandemia. Isto é importante, na medida em que esta tendência decrescente de contracção de empréstimos pode indicar uma maior dificuldade da capacidade dos trabalhadores informais de investir nos seus negócios ou de obter capital circulante com o qual possam comprar mercadorias para vender.

Todas as outras variáveis em consideração para esta regressão logística dos padrões de solicitação de empréstimo na amostra, tais como a idade das empresas, o tamanho do agregado familiar ou o número de pessoas que auferem um rendimento no agregado familiar, não são estatisticamente significativas, o que significa que não podemos estabelecer uma associação estatisticamente robusta entre estas variáveis e o comportamento de empréstimo dos trabalhadores informais.

Alimentação do agregado familiar

Como descrito na secção 6, um número considerável de trabalhadores informais e as suas famílias tiveram de recorrer a estratégias negativas de adaptação em resposta à crise da COVID-19, incluindo a redução das refeições e da quantidade de alimentos consumidos em casa. A coluna 5, no **Tabela 15**, apresenta os resultados da nossa regressão logística "pooled Logit" para esta estratégia de sobrevivência.

Não surpreendentemente, quanto mais desfavorecidos forem os inquiridos e as suas famílias, medido em termos da variável que capta o número de privações enfrentadas pelas famílias dos trabalhadores informais, maior é a probabilidade de cortar nos alimentos. Os resultados também sugerem que as famílias com menos pessoas a ganhar dinheiro têm uma maior probabilidade de cortar nos alimentos. Outras variáveis, tais como o tamanho do agregado familiar, a maturidade da empresa ou a idade do trabalhador não mostram qualquer impacto estatisticamente significativo na probabilidade de contrair empréstimos.

É importante notar que dois dos coeficientes para as variáveis de tendência que capturam cada um dos três inquéritos de acompanhamento feitos para o estudo CISS, os das Ondas 2 e 3, são negativos e estatisticamente significativos, o que significa que ao longo do tempo, e especialmente desde Dezembro de 2020, os problemas de nutrição e a falta de alimentos nas famílias dos trabalhadores informais tornou-se, em média, um problema menor.

Venda de bens domésticos

Outra tendência observada durante a pandemia entre os trabalhadores informais que participam no inquérito do CISS é a venda de bens domésticos. Para muitos trabalhadores informais, isto tem funcionado como uma espécie de estratégia de adaptação "negativa", fornecendo dinheiro adicional para ser utilizado pelos agregados familiares num contexto de extrema adversidade. Os resultados da análise de regressão logística "pooled logit" apresentada na **Tabela 15 (coluna 6)** mostram as correlações entre a tentativa de venda de bens domésticos e variáveis explicativas seleccionadas.

A idade tem uma relação negativa com a probabilidade de venda de bens domésticos. Ou seja, as pessoas mais jovens têm mais probabilidades de vender bens domésticos do que as pessoas mais velhas. Uma diferença de género surge mais uma vez – as mulheres têm menos probabilidades de vender os seus bens. A razão subjacente reside provavelmente na muito menor propriedade de bens entre as mulheres do que entre os homens em Moçambique, assim como na amostra do CISS, em primeiro lugar. Assim, embora 53 por cento das participantes femininas não possuam pelo menos três bens duradouros (entre rádio, televisão, computador, smartphone, fogão a gás ou eléctrico, frigorífico, carro, motocicleta ou bicicleta), isto só se aplica a um terço dos homens da nossa amostra. Além disso, os resultados da análise de regressão logística "pooled Logit" também sugerem que quanto maior for o nível de privação que uma família sofre, maior é a probabilidade de vender bens duradouros. Esta é uma visão preocupante, sublinhando os riscos de os pobres se tornarem ainda mais pobres e com menos meios de vida durante a pandemia.

Os resultados também mostram uma relação positiva entre a idade dos negócios dos trabalhadores informais e a probabilidade de venda de bens domésticos. Por outras palavras, quanto mais tempo um trabalhador estiver na economia informal, maior é a probabilidade de vender bens domésticos. Isto significa que mesmo as pessoas que trabalham há anos tiveram de recorrer à venda de bens domésticos.

Finalmente, é importante notar que os coeficientes positivos e estatisticamente significativos encontrados para os indicadores de tendência dos três inquéritos de acompanhamento CISS (Onda 1, 2 e 3) nesta regressão logística confirmam que a venda de bens domésticos tem seguido uma tendência ascendente ao longo de toda a pandemia. Ou seja, a situação tem-se agravado consistentemente com esta métrica particular de coacção, com a venda de bens a tornar-se mais comum ao longo do tempo entre os trabalhadores informais.

7. Conclusão: Principais conclusões e recomendações de políticas

7.1. Principais constatações

O estudo do Inquérito ao Sector Informal sobre COVID-19 (CISS) forneceu um rico conjunto de dados dos trabalhadores informais da cidade de Maputo e suas famílias, bem como do impacto socioeconómico da crise da COVID-19 neste grupo particular da população.

Os resultados deste estudo indicam que a pandemia teve um impacto muito significativo e negativo nos trabalhadores informais em Maputo e nas suas famílias. O impacto tem sido sentido em muitas áreas: no emprego, nas horas trabalhadas, no rendimento e na poupança e, por conseguinte, na capacidade de investir. Também, num ambiente empresarial e de mercado cada vez mais desafiador, com o aumento dos preços dos bens que os trabalhadores informais compram para revender, a queda da procura e menos clientes, ou restrições nas horas sem trabalho. As famílias de trabalhadores informais também têm sofrido, gastando as poupanças das famílias para fazer face às despesas, cortando nas refeições, ou vendendo bens duráveis domésticos, entre outros. Além disso, em plena pandemia, muitos trabalhadores informais tiveram de lidar com o desafio adicional de ter de mudar de local de negócio, como parte dos esforços de regeneração urbana do governo municipal no distrito central de Maputo. Muitos, de facto, ficaram desempregados em resultado destas medidas de deslocalização.

Os dados recolhidos nas várias rondas do inquérito CISS indicam que este impacto foi particularmente intenso durante as fases iniciais da crise, de Março a Setembro de 2020, mas continuou a desfazer-se ao longo dos meses seguintes. Assim, embora a situação pareça ter estabilizado no último trimestre de 2020, em muitos casos a situação dos trabalhadores informais tem continuado a deteriorar-se, embora a um ritmo mais lento. Isto não significa que todos os trabalhadores informais tenham sido negativamente afectados pela pandemia. Alguns conseguiram ver os seus rendimentos aumentar e a sua situação geral melhora durante a pandemia, com estes números a crescerem ao longo do tempo – mas ainda assim, estes constituem um número pequeno em comparação com os afectados negativamente pela crise da COVID-19. Neste contexto, os trabalhadores informais em Maputo continuam a ser surpreendentemente optimistas quanto às perspectivas comerciais futuras, ainda que este optimismo tem vindo a diminuir com o tempo.

Os resultados deste estudo sugerem que os trabalhadores informais e as suas famílias já eram um grupo considerado vulnerável da população que estava a entrar na pandemia. A crise da COVID-19, se alguma coisa, parece ter exacerbado estas vulnerabilidades. É importante notar, a este respeito, que a nossa análise indica que foram aqueles que já eram mais vulneráveis que se agravaram durante a pandemia. São as mulheres e os trabalhadores informais em famílias com menos rendimentos e que sofrem de maiores privações que têm sido mais duramente atingidos pelo desemprego. São os idosos, os desempregados e, mais uma vez, aqueles que sofrem de maiores privações, que não são capazes de poupar ou pedir emprestado e, portanto, de investir numa forma de sair da crise. São as famílias mais carenciadas e as que têm menos ganha-pão que têm de reduzir as refeições

e a quantidade de alimentos que trazem para o prato. E são estas mesmas famílias que se encontram a vender os bens domésticos.

Neste contexto extremamente difícil, muito poucos dos trabalhadores informais que participam no estudo do CISS receberam qualquer apoio ou ajuda, quer do governo, de familiares ou de ONG e instituições de caridade locais. Este tem sido o caso desde o primeiro inquérito de base realizado em Setembro de 2020, até à última vaga, em Março de 2021.

Com o tempo, à medida que a pandemia se desenrola e continua a afectar os trabalhadores informais e suas famílias em Maputo nos próximos meses, estas dinâmicas acarretam o risco de cronometrar a vulnerabilidade destas pessoas, tornando mais difícil para elas ultrapassar esta situação. Neste sentido, é necessário agir para mitigar a situação actualmente enfrentada pelos trabalhadores informais em Moçambique e preparar o caminho para a recuperação pós-pandémica na economia informal. Com o tempo, à medida que uma pandemia se desenrola e continua a afectar os trabalhadores informais e as suas famílias em Maputo nos próximos meses, estas dinâmicas comportam o risco de cronometrar a vulnerabilidade destas pessoas, tornando-se mais difícil para elas ultrapassar esta situação. Neste sentido, é necessário agir para mitigar a situação actualmente enfrentada pelos trabalhadores informais em Moçambique e preparar o caminho para a recuperação pós-pandémica na economia informal.

7.2. Recomendações de políticas

Os resultados das várias rondas do inquérito do CISS apontam para uma série de áreas onde as acções de política pública poderia contribuir para melhorar a situação dos trabalhadores informais em Maputo, no contexto da pandemia. Também fornece conclusões úteis que podem ajudar a informar sobre a melhor forma de apoiar os trabalhadores informais e as suas famílias no futuro e sobre a melhor forma de responder a crises como a pandemia da COVID-19. Esta secção apresenta algumas destas descobertas e recomendações.

- Uma das principais conclusões do estudo é que existe um número significativo de trabalhadores informal que ficaram desempregados, coincidindo com a pandemia. Muitos destes encontram-se nesta situação após terem sido deslocados dos seus locais de trabalho pelas autoridades locais em Maputo, sem que lhes tenham sido fornecidas localizações alternativas. A situação destas pessoas poderia ser melhorada se lhes fossem proporcionados novos espaços para operarem, por exemplo, na nova área de mercado em Laulane ou noutros locais nos mercados existentes na cidade de Maputo.

- Consistentemente, ao longo das várias rondas do inquérito do CISS, os trabalhadores informais em Maputo identificaram o aumento dos preços da mercadoria que vendem como uma das principais dificuldades que enfrentaram ao longo da pandemia. Esta constatação é consistente com a de outros estudos.[32] Não é claro o que poderá estar a impulsionar estas dinâmicas de preços. Durante as fases iniciais da crise de COVID-19, as perturbações das cadeias globais de abastecimento podem ter estado por detrás destas dinâmicas, mas estas perturbações parecem agora ter sido resolvidas. As autoridades governamentais competentes talvez pudessem investigar mais a fundo esta questão.

- O impacto da pandemia resultou na redução dos rendimentos dos trabalhadores informais e obrigou muitos deles a utilizar as suas poupanças e, no extremo, a vender bens domésticos. Isto deixou-os sem capital de trabalho com o qual pudessem procurar mercadorias, ou com o qual investissem, para se instalarem em novos espaços de trabalho (por exemplo, na construção de novas bancas de mercado). O declínio muito acentuado da participação em Xitiques atesta isto mesmo. A este respeito, parte da resposta à COVID-19 poderia ir no sentido de fornecer empréstimos

[32] Ver, por exemplo, TechnoServe (2020). "COVID-19 Impactos nos Negócios de Micro-Retail". Programa "Women in Business (WIN)". Maputo, Abril.

de liquidez ou empréstimos subsidiados a trabalhadores informais, por exemplo, através de esquemas locais de microcrédito.

- Dadas as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores informais no acesso aos programas de protecção social do governo que foram estabelecidos para apoiar a resposta à pandemia, poderiam ser consideradas abordagens alternativas de apoio a estas pessoas. Por exemplo, poderiam se criar cozinhas comunitárias em parceria com organizações da sociedade civil locais, ou com instituições de caridade em áreas residenciais onde vivem os segmentos mais vulneráveis da população em Maputo. Isto poderia ajudar a mitigar algumas das dificuldades identificadas no estudo do CISS que as famílias do sector informal enfrentam em ter regularmente as três refeições diárias recomendadas.

- Similarmente, as autoridades locais, as instituições de caridade locais, ONGs ou organizações da sociedade civil poderiam considerar o estabelecimento de programas de dinheiro para o trabalho, "Cash for work", para os trabalhadores do sector informal de Maputo que ficaram desempregados durante a pandemia, o que, como demonstrado no inquérito do CISS, é um número considerável.

- Em termos mais gerais, a experiência do sector informal em Maputo sugere que poderá haver necessidade de repensar a melhor forma de ajudar, do ponto de vista da protecção social, os necessitados em situações de emergência. Neste sentido, os esquemas de protecção social estabelecidos tipicamente respondem às necessidades dos grupos vulneráveis "tradicionais": idosos, famílias monoparentais, pessoas com deficiência, etc. No entanto, situações de emergência podem dar origem a novos grupos de pessoas vulneráveis, pessoas que, além disso, podem necessitar de assistência urgente. Neste contexto, os programas de protecção social existentes podem não ser os mais adequados para responder a estas necessidades, especialmente se exigirem processos administrativos e logísticos complexos (contas bancárias, telemóveis, etc.). Outras abordagens de protecção social podem, a este respeito, fornecer uma forma mais eficaz de responder a estas situações de emergência.

Tabela 15: Resultados da regressão logística conjunta

	(1) **Tornando-se desempregados**	(2) **Participando em Xitique**	(3) **Crescimento positivo dos ganhos**	(3) **Empréstimo**	(4) **Cortar os alimentos**	(5) **Venda de bens familiar**
Idade	0.00346	-0.0163**	-0.005	-0.0326***	0.000478	-0.0433***
	(0.00673)	(0.00570)	(0.008)	(0.00620)	(0.00573)	(0.00859)
Mulher	1.020***	0.0831	-0.671***	0.212	-0.0194	-1.078***
	(0.147)	(0.118)	(0.157)	(0.123)	(0.114)	(0.160)
Base: Sem aproveitamento escolar						
Educação primária	-0.562*	0.379	-0.103	0.367	-0.493*	0.128
	(0.266)	(0.262)	(0.304)	(0.285)	(0.245)	(0.487)
Educação secundária	0.0452	0.392	-0.680**	0.481	0.267	0.438
	(0.297)	(0.284)	(0.339)	(0.305)	(0.265)	(0.502)
Escola técnica	1.149*	-0.413	-0.896*	0.808	0.0376	0.0733
	(0.454)	(0.458)	(0.503)	(0.457)	(0.416)	(0.685)
Universidade	0.837	0.637	-0.557	0.0797	-0.381	0.132
	(0.565)	(0.490)	(0.700)	(0.561)	(0.436)	(0.721)
N.º de privações	0.217***	-0.220***	-0.120	0.0467	0.670***	0.323***
	(0.0583)	(0.0526)	(0.078)	(0.0536)	(0.0579)	(0.0750)
Tamanho de agregado familiar	0.0407	0.0249	-.0130	0.0216	0.0290	-0.0154
	(0.0222)	(0.0191)	(0.026)	(0.0203)	(0.0189)	(0.0270)
N.º de contribuintes do AF	-1.393***	0.133*	0.188**	-0.0885	-0.211***	-0.144
	(0.155)	(0.0672)	(0.080)	(0.0695)	(0.0627)	(0.102)
Trabalhou na Central	1.534***	-0.0147	-0.806***	0.0188	0.198	0.539**
	(0.133)	(0.125)	(0.179)	(0.136)	(0.126)	(0.175)
Base: idade dos negócios: <1 ano						
A idade dos negócios: <3 anos	1.347***	0.362	-0.293	0.461	-0.154	0.821*
	(0.282)	(0.245)	(0.361)	(0.254)	(0.240)	(0.343)
A idade dos negócios: <5 anos	0.703**	0.765**	0.127	0.115	-0.0310	0.764*
	(0.269)	(0.234)	(0.323)	(0.253)	(0.233)	(0.349)
A idade dos negócios: <10 anos	0.803**	0.410	-0.261	0.377	-0.0641	0.863*
	(0.258)	(0.223)	(0.328)	(0.237)	(0.220)	(0.336)
A idade dos negócios: >10 anos	0.449	0.642**	0.125	0.323	0.0649	0.817*
	(0.238)	(0.211)	(0.295)	(0.229)	(0.213)	(0.319)
Base: Onda de Linha de Base						
Onda 1	-0.153	-1.913***	2.472***	-0.869***	-0.203	-1.245***
	(0.178)	(0.148)	(0.275)	(0.162)	(0.153)	(0.210)
Onda 2	-0.0488	-1.776***	2.460***	-0.603***	-0.412**	-0.900***
	(0.173)	(0.146)	(0.266)	(0.154)	(0.148)	(0.188)
Onda 3	-0.309	-1.925***	2.574***	-0.589***	-0.491***	-1.340***
	(0.179)	(0.148)	(0.265)	(0.153)	(0.148)	(0.212)
Participação no Xitique	-1.157***		1.117***	-0.0144	-0.164	-0.174
	(0.138)		(0.163)	(0.122)	(0.115)	(0.157)
Actividade de linha de base:		0.127		0.0590	-0.119	-0.163
Comerciante de rua		(0.183)		(0.210)	(0.204)	(0.260)
Actividade de linha de base:		0.277		-0.114	-0.236	-0.168
Comerciante fixo		(0.164)		(0.200)	(0.191)	(0.245)
Actividade de linha de base: Serviços		0.191		-0.227	-0.132	0.121
		(0.264)		(0.305)	(0.282)	(0.337)
Desempregados		-1.057***		-0.832***	0.302	-0.0326
		(0.158)		(0.203)	(0.186)	(0.244)
Constantes	-1.354**	0.862	-2.638	-0.182	0.260	-0.413
	(0.519)	(0.489)	(0.667)	(0.527)	(0.487)	(0.768)
Observações	2071	2071	1455	2071	2071	2071

Erros padrão entre parênteses
Nota: Cada regressão é uma regressão logística conjunta com erros padrão robustos.
Níveis de significância estatística: *p< 0,05, **p< 0,01, ***p< 0,001